

Nos animaes superiores apparecem os caracteres sexuaes secundários e entra em jôgo o phenómeno importante da selecção. Nos Mammíferos e nas Aves as funcções intellectuaes sam sufficientemente desenvolvidas para permittir a intercallação, num processo de reacção assimilavel a um reflexo puro, dum estado de *cerebração* susceptivel de modificar, por si só, as consequências da excitação.

Com effeito, se as manifestações do instincto sexual, primitivo e símplez, se complicam pela escolha determinada do indivíduo, é porque as excitações fazem mais do que provocar respostas puramente reflexas, e arrastam concomitantes mentaes susceptiveis de influír na reacção consecutiva e de deixar traços na memória.

Vejamos agora como DANVILLE concebe o mecanismo psychológico do amôr.

É um facto conhecido e bem averiguado que, os prazêres artísticos ou os factos banaes, as manifestações importantes da vida social ou individual, as próprias experiências passionaes ou as impressões que dellas se colhem, podem dar, dêside que se desenvolveu em nós o instincto sexual, um *cunho* especial às manifestações dêste instincto, pela rememoração consciante das impressões correspondentes.

Esta rememoração effectua-se por synthese daquellas impressões; synthese que está subordinada a uma certa selecção.

Estas imagens synthéticas apresentam a particularidade interessante de se conservarem latentes, ignoradas por nós mesmos, em virtude da *inconsciência* dos seus elementos. Ora, semelhantes imagens representam como que o typo synthético das preferências particulares do indivíduo sob o ponto de vista sexual, visto resultarem do seu modo especial de associação. Representam, de qualquer modo, para cada indivíduo, a imagem ideal do indivíduo do outro sexo, que será o mais perfeito sob o ponto de vista sexual, e que, além disso, será dotada, em virtude da parte que os elementos de origem sexual tomaram na

sua formação, de todos os caracteres susceptíveis de exasperar o desejo sexual do indivíduo apaixonado.

Cada adulto normal possui pois, *sem o saber*, esta synthese inconsciente representativa dum poder latente de amôr, dum *amôr virtual*.

Logo que o indivíduo se encontre em presença doutro indivíduo cujos attributos correspondam aos da sua imagem ideal, então as impressões recebidas pelos sentidos, acordando as excitações latentes semelhantes, anteriores às actuaes, torná-las-ham conscientes pelo acto de percepção que produzirá a identificação dumas e doutras.

Isto é, uma *percepção pessoal* succederá à antiga *percepção inconsciente* e contribuirá para a revelação intensa e súbita do amôr (1).

**O amôr sexual.** — Parece difficil dizer-se qual dos sexos ama melhor e mais; e essa difficuldade resulta da confusão que muitas vezes se faz entre *amôr sexual* e *amôr materno*, entre *voluptuosidade* e *amôr sexual*, etc., e da supposta existência duma maior sensibilidade feminina. Se porém nos mantivermos dentro dos limites da definição de DANVILLE a difficuldade será um pouco menor.

Se tivermos presente que o amôr resulta duma *percepção consciente* especial e que a *sensibilidade* feminina é *menor*, facil será concluir que a mulher deve amar menos do que o homem.

Assim se comprehende também como possa haver amôr sem desejos.

Além disso, como affirma MANTEGAZZA (2) o amôr dos homens será sempre necessariamente differente do das mulheres. «O homem e a mulher podem amar com a mesma intensidade, mas nunca amarão da mesma fórma, porque

---

(1) DAVILLE, obr. cit., pag. 164.

(2) *Fisiologia do amôr*, pag. 187.

levam ao altar da paixão naturêzas profundamente diferentes, afóra a diversidade da missão genésica, que impende a cada um.

«Em quanto sôbre o nosso planêta existir um homem e uma mulher, poderão eternamente mutuar-se esta queixa :

«— Ah! tu não me amas, como eu te amo!» —

«E essa queixa justificar-se-á sempre, porque a mulher nunca amarâ como o homem, e o homem nunca poderá amar como a mulher».

A sensibilidade sexual sendo menor e o sentimento materno predominando sôbre o da paternidade, concebe-se como — sendo iguaes as outras condições — o amôr da mulher seja menor.

«Na natureza o papel de mãe prevalece sobre o de esposa» (LOMBROSO); e a prova está em que muitos dos órgãos sexuaes da mulher, só têm um tal significado nas raças mais adiantadas na civilização.

Nas outras raças sam órgãos maternos. É o que succede com os *seios*, que representam para nós um factor erótico, ao passo que o selvagem sîmplemente vê nelles um órgão materno.

Nem doutro modo era admissivel que a amamentação se pudesse prolongar durante 14 e 15 annos (como por exemplo succede com os habitantes da terra do rei WILLIAM) se aos órgãos respectivos andassem associadas ideias eróticas.

Desta base natural e por virtude da sua evolução social, será facil prevêr que o amôr da mulher seja menos sexual e mais repleto de dedicação e ternura.

«A mulher, escrava, abandonada em quasi todas as raças ao capricho do homem, sêr fraco e incapaz de rebellião, tentou sem dúvida pacificar o macho, ganhar a sua estima pela dedicação e pela docilidade; envolveu o homem numa onda de ternura para della obter alguns reflexos» (1).

---

(1) LOMBROSO e FERRERO, obr. cit., pag. 119.

Um outro caracter do amôr feminino, resulta da sua preferéncia pela fôrça: «a mulher deseja sempre amar um homem que lhe seja superior» (1).

Pelo que respeita ao *ciúme*, pode dizer-se dum modo geral, que é mais *intenso no homem e mais frequente na mulher*.

Estas differenças sam facilmente explicaveis pela acção combinada dos dois factores que commandam a organização psychica dos sexos: — as differenças orgánicas naturaes nos indivíduos dos dois sexos e as suas differentes prerogativas sociaes.

Porque o amôr feminino é menor, também o ciúme na mulher é menos intenso; e porque a nossa sociedade a colloca numa condição de inferioridade manifesta, o seu caracter desconfiado determinará fatalmente uma maior frequência daquellas «constantas scenas domésticas de ciúme feminino, que toldam o céu de tantas famílias» (MANTEGAZZA).

É claro que a raça influe bastante sôbre o *quantum* do ciúme nos dois sexos, mas como diz MANTEGAZZA, mais que tudo influe o organismo psychico de cada qual (2).

«Um suspeita do passado, do presente e do futuro; mulher ha que vê uma rival em câda outra mulher e que julga vêr uma traição em câda movimento das folhas do arvorêdo.

«Conheci pelo contrário mulheres, grandes damas até, de tal forma apaixonadas do seu amante, que o ajudavam a satisfazêr alguns caprichos de amôr, afim de que elle lhes devesse toda a sua alegria, ainda que culposa» (3).

Pelo que respeita ao *pudor*, pode affirmar-se sem grande receio de errar, que é maior na mulher, em parte por sua

---

(1) P. MANTEGAZZA, *Fisiologia da mulher*, pag. 174.

(2) P. MANTEGAZZA, obr. cit., pag. 190.

(3) P. MANTEGAZZA, obr. cit., pag. 190 e 191.

natureza e em parte porque o pudor constitue para a mulher uma esplêndida arma de defêsa com que supprime muitas vêzes as difficiências da sua posição social (1).

Em resumo: *o amôr feminino é menos intenso, mas em compensação é mais púdico, mais terno e mais delicado do que o amôr dos homens.*

**O amôr materno.** — Em toda a escala animal, na fêmea como já dissemos, o papel de mãe sobreleva sempre o de amante.

Este facto é posto em evidência por milhares de exemplos interessantíssimos que provam a stricta dependência entre a organização biológica e psychológica da fêmea e a maternidade (LOMBROSO e FERRERO).

Assiste-se muitas vêzes com o desabrochar do sentimento materno ao desenvolvimento de instinctos especiaes, sentimentos maravilhosos e até de orgãos novos (2).

(1) Diz MANTEGÁZZA, que «a mulher inteiramente nua, é sempre menos nua do que o homem».

«A nudez não exclue o pudor. As mulheres dos Mundurucus, por exemplo, andam inteiramente nuas e evitam com todo o cuidado as posições que poderiam parecêr indecorosas; e fazem-no com tanta arte, que nada se observa, ainda quando soffrem o cataménio». *Fisiologia da mulher*, pag. 192 e 193.

(2) Este último facto tem importância por ser a única excepção à pequena variabilidade orgânica que nós assignalamos já como um dos característicos femininos.

É por isso que LOMBROSO e FERRERO escreveram. «*La maternité est tellement la fonction spéciale de la femelle dans tout le monde animal, que les seuls organes que se soient développés et différenciés en elle, sont les organes spéciaux de la maternité.*»

Entre esses orgãos podemos apresentar como demonstrando completamente a affirmação dos sábios anthropólogos italianos, os seguintes: — *as tareiras* ou *oviscapos* de muitos Insectos; os *dardos* de certos Hymenópteros (*Cerceris*, *Odynerus*, *Philantus*), etc. Aquelles Hymenópteros põem no ninho conjunctamente com os ovos uma determinada provisão de outros Insectos de que as futuras larvas se alimentarám; mas porque, necessariamente, terá

É conhecida a providência das fêmeas de certos Insetos (Sphex, Pamphílios, Ammophilos, etc.), que conjuntamente com os ovos depositam uma quantidade conveniente de reservas que servirão de primeiro alimento às larvas. Nos Orthópteros o mesmo fenómeno é também vulgaríssimo.

Nos Hymenópteros sociáveis (*Formigas, Abêlhas, etc.*), a maternidade é a tal ponto uma função social que as operárias abdicam do seu sexo em favor das novas gerações, tomando sobre si os trabalhos mais árduos da função materna; e quando a rainha morre ou deixa de ser prolífica abandonam o trabalho e deixam-se morrer (LOMBROSO e FERRERO).

Nas Aves, o instinto da *nidificação* pertence às fêmeas, que muitas vezes têm ainda de esconder as ninhadas da voracidade do macho. Citam-se, como exemplo, os Pavões que devoram os ovos das suas fêmeas tam depressa os encontram, pelo que estas têm uma extraordinária habilidade em occultar o ninho.

Entre as modificações psychicas, mais interessantes, determinadas pela maternidade, pode-se citar o *frenesí* que invade as fêmeas de certas Aves durante o *chôco*.

---

de decorrer muito tempo entre a postura e a eclosão dos ovos (tempo mais que sufficiente para que aquelles alimentos tivessem soffrido a fermentação pútrida), o veneno dos dardos foi de tal modo modificado, *nas fêmeas*, que as suas picaduras determinam simplesmente em vez de as matar, a paralyisia das suas victimas, de modo a poderem conservar-se intactas o tempo necessário.

Ha pois uma modificação chymica no venêno determinado pela maternidade (CAMERANO).

Como orgãos da maternidade podem ainda citar-se o *marsúpio* dalguns Monotremes (*Echnida*) e de quasi todos os Marsupiaes e as *mammas* das fêmeas de todos os Mammíferos e por conseguinte as da mulher.

Deve também considerar-se como um orgão especial da maternidade, a *steatopigia* característica dos Hottentotes e Boschimans e em que já tivemos occasião de fallar. Vid. pag. 36.

A *coragem na defêsa da prole* é um dos sentimentos mais fortemente desenvolvidos pela maternidade. Por um filho qualquer mãe sacrifica a própria vida!

«A naturêza, como diz MOEBIUS, quer da mulher amôr e dedicação materna». E isto é tam verdade, que até fora da espécie humana a função materna chega a absorver tam intensamente a vitalidade da fêmea que causa assombro.

Em certas espécies de Macacos, a mãe morre se o filho morre, como se este fosse uma parte essencial do seu organismo. Tem-se visto fêmeas a quem tiraram os filhos, alimentar animaes novos de espécies muito differentes.

MANTEGAZZA numa página brilhante da sua esplêndida obra — *Fisiologia da mulher* — donde temos extrahido tantas e tam preciosas informações, falla assim dos caracteres próprios do amôr maternal:

«Em câda affeição que faz palpar o coração humano, a razão intervém sempre pâra a moderar, detêr ou dirigi-  
gir, e as mais das vêzes para a extinguir.

«No amôr maternal vemos, pelo contrário um impulso irresistível, expontâneo, violento, de uma fôrça que nasce das vísceras mais profundas da naturêza humana, e que procede fatalmente como a fôrça de gravidade.

«E na sua fôrça, êste amôr dos amôres tem tódos os graus de energia, tôda a elasticidade proteiforme da matéria psiquica mais flexível, mais malleável que se conhêça. Este amôr possui tódas as virtudes das coisas preciosas; a resistêcia do diamante, o esplendôr e a ductilidade do oiro, a tenacidade do ferro, o brilho variegado de tódas as pedras preciosas.

«Nas suas ternuras, é delicado, profundo e mórbido, suave como tódas as flôres mais bellas da terra, como tódas as peliças do norte, como a tepidêz dos ninhos. Nas suas energias, corajôso, violento, tirânnico e feroz; capaz de todas as heroicidades e de tódos os sacrificios, generôso como um Crespo, aventureiro como um jogador, cruel como um tigre. É um amôr capaz das mais terriveis ani-

malidades, das mais delicadas carícias dos sentidos e das maiores astúcias do sentimento. É delicado e é sublime; pode sêr louco, mas é sempre humano, certamente o mais humano de todos os nossos affectos».

E cremos que estará dito tudo quanto seja possível dizer dum sentimento tam altruísta como o amôr de mãe e estou mesmo convencido que nem tanto era preciso dizer — cada um sabe por si o que é uma mãe e desgraçados daquelles que nunca puderam apreciar a doçura das suas carícias.

Um dos caracteres fundamentaes da psychologia feminina, consiste numa disposição particular para a *sympathia* pelas creanças, pelos doentes e pelos pobres, complicada por uma necessidade de se enternecer por tudo quanto é fraco e necessita de socorro.

É pela *sympathia* e pela piedade que as mulheres se distinguem na educação da primeira infância, na das creanças abandonadas, nas casas de correcção, onde tudo se consegue pela ternura e o rigor é nada.

Em todo o reino animal é notória a piedade das fêmeas.

Conta ROMANES que numa sociedade de Gibbões, um macho ainda novo, tendo-se ferido em resultado duma queda, foi tratado, com todos os cuidados, por uma fêmea já velha que, por conseguinte, não podia ter com elle parentesco algum. Reservava-lhe os melhores fructos e só principiava a comer depois de ter dado qualquer coisa ao pequeno ferido.

As observações de FRANKLIN, MEUNIER, BAUDIN, BREHM, etc. sam concludentes a respeito do sentimento de piedade nas fêmeas.

Na mulher selvagem um sentimento de piedade, ainda que rudimentar, tem sido sempre reconhecido por todos os escriptores.

Muitos viajantes, entre os quaes se citam STANLEY, MUNGO PARK, etc., foram salvos em occasiões críticas pela piedade feminina.

Os missionários e os viajantes sam concordes em affirmar a gentileza e os sentimentos altruístas das mulheres nos povos com quem estiveram em contacto (1).

«STANLEY diz que as mulheres de Kambambarré, sam bellas, submissas e amaveis.

«MARCHE affirma que as mulheres Oneyba, sam boas, affectuosas e que o acompanharam até à sua sahida, desejando-lhe boa viagem.

«As Tasmanianas, segundo GIGLIOLI, têm um character dôce e um coração affectuôso.

«Segundo MARNO, o character das mulheres Akka (2) é dôce e confiado, ao passo que os homens sam teimosos, maus e rancorosos, verdadeiros homens enfim». (LOMBROSO e FERRERO).

Na Europa, as grandes instituições de caridade, nasceram com o christianismo; a civilização greco-romana não deixou mais do que *traços* da piedade feminina (3).

Não é admissivel que a piedade feminina apparecesse de repente com o christianismo, e, em virtude da complexidade dum tal sentimento, é perfeitamente verosimil suppôr que a caridade feminina já existia antes, embora se manifestasse esporadicamente e passasse despercebida, ou que as condições sociaes e a *pobréza do génio* feminino não tivessem permittido uma organização sólida do exercício da caridade.

LOMBROSO e FERRERO fazem toda a justiça às mulheres quando dizem: — «*Le génie de l'homme, en créant le Chris-*

---

(1) Consulte-se a este respeito a obra já tantas vêzes citadas de LOMBROSO e FERRERO, *La femme criminelle et la prostituée*, pag. 75 e seg.

(2) População pigmêa, descoberta por SCHWEINFURT, no centro da África.

(3) Todavia RENAN, *Les Apôtres*, nota que já durante o Império romano e na Grécia antiga existiam sociedades de soccorros mútuos em que as mulheres eram admittidas.

*tianisme et ses institutions charitables, mit en lumière ce qui avait été le lent travail des siècles dans l'âme de la femme, rallia en faisceau toutes les activités éparses de la piété féminine, et créa la charité. Déjà dans le monde sauvage on retrouve en germe tout ce que la charité a entrepris chez les peuples civilisés; les soins aux malades, l'assistance aux mourants, les secours aux condamnés, le culte des morts, la piété envers tous les êtres débiles et qui souffrent».*

A História do christianismo tem trazido à popularidade os nomes gloriosos de algumas mulheres que se tornaram notáveis pela abnegação e instinctos caritativos.

Citam-se HELENA, PAULA, MELANIA, MARCELLA, etc. que durante a peste do anno 44, em Jerusalém, foram a providência de inúmeros doentes. FABIOLA, foi a criadora do primeiro hospital.

A Companhia das *irmans de caridade* do século XVII foi célebre pelos excessos de abnegação, nos campos das batalhas juncados de cadaveres, procurando os feridos.

Conta TAINE que em 1879, quando rebentou a Revolução, havia em França 14:000 irmans hospitaleiras que se occupavam no doloroso mistér de enfermeiras.

Seria um nunca acabar se por ventura quisessemos dar uma lista dos milhares e milhares de beneficios que os *miseraveis* devem à piedade feminina. Um tal assumpto só por si daria para muitos volumes.

Em París existem actualmente 31 casas para recolher crianças abandonadas, propriedade das irmans de caridade, algumas das quaes têm um passivo superior ao activo.

Na primeira metade do século passado, existiam na Bretanha 207 casas onde eram albergados 25:000 velhos, cuidados e servidos por 3:400 religiosas. Esta companhia (*Irmansinhas dos Pobres*) foi fundada por uma mulher, M.<sup>ELLE</sup> JUGENT, que, sem meios de fortuna, exercia a caridade para com a velhice dum modo que só um coração de mulher pode comprehender.

Entre nós é notória a piedade e a caridade das mulheres para com as crianças e os velhos.

A crueldade. — As mulheres sam *cruéis*, e a sua crueldade, embora (nos selvagens e nos povos primitivos) seja inferior à feroz crueldade do macho, tem requintes de maldade que nos causam horror.

Não iremos relatar minuciosamente, as observações de tantos e tam conscienciosos viajantes e homens de sciência, que em várias circunstâncias tẽem estado em contacto com os selvagens e limitar-nos hemos a alguns exemplos que provam o que dizemos.

«No Dahomé, a elite das tropas é constituída por um bando de 6 a 7 mil guerreiras (Amazonas), que commettem barbaridades inauditas, encarniçando-se sobretudo na mutilação dos cadaveres» (LOMBROSO e FERRERO).

O auxilio das mulheres na guerra é bastante efficaz, não só pela parte activa que muitas vezes tomam nos combates (em Cuba segundo BANCROFT, nos Tasmanianos segundo HILLYER GIGLIOLI, nas Antilhas segundo IRVING, etc.) mas ainda e principalmente pela vehemência com que excitam os homens a lutar.

Vingança. — As mulheres sam terriveis nas vinganças, em que procuram o máximo de soffrimento para as suas vítimas; sentem um prazer infinito em matar a pouco e pouco.

«O homem, como diz LOMBROSO, é mais feroz, mata e massacra sem piedade, mas conhece menos do que a mulher a arte de prolongar os soffrimentos e de fazer experimentar a um homem o máximo de dor de que um ser humano é capaz».

A mulher é por sua natureza inclinada à piedade, mas se a offendem ou ferem na sua vaidade, a vingança é affrontosa e cruel.

Em todas as *revoltas*, a mulher excedeu sempre o homem em crueldade e em desmandos de toda a ordem.

«*Déjà DIDEROT avait remarqué avec quelle rapidité les femmes se laissent emporter par le tourbillon des commotions épidémiques; DESPINE ajoute que dans toutes les folies épidémiques, la femme se distingue par son extravagance exceptionnelle, et son exaltation*» (1).

«Na Itália, conta MANTEGAZZA (1), ainda nos lembramos daquellas mulheres de Palermo, que, nos tristes dias de setembro de 1886, cortavam, vendiam aos bocados e comiam a carne dos carabineiros mortos, como em Nápoles em 1799, se tinha comido a carne dos republicanos».

Na Revolução Francêsa de 1789, as mulheres tomaram sempre uma parte activíssima em todas as scenas de sangue.

«Nos dias das execuções solemnes, os primeiros logares em volta da guilhotina eram reservados a estas fúrias (républicanas revolucionárias) que trepavam pelas pranchas, para ver de mais perto a agonia, e cobriam os gritos da vítima com o ruido dos seus risos e de suas dansas» (2).

MAXIME DUCAMP, também citado por MANTEGAZZA descreve as mulheres da Communa do seguinte modo:

«Tinham uma só ambição, prevalecer ao homem, exagerando os próprios vícios. Foram crueis; foram implacaveis...; como enfermeiras, davam aguardente aos feridos para os matar; nas escolas, ensinavam a amaldiçoar tudo que fosse estranho á Communa; nas assembleias reclamavam os seus direitos, a igualdade, afagando talvez, entre as suas reivindicações, o sonho da polyandria, que ellas, aliás, iam já pondo muito liberalmente em prática».

Parecerá impossivel conciliar estes dois aspectos diametralmente oppostos da psychologia feminina — a piedade

(1) LOMBROSO e FERRERO, obr. cit., pag. 72.

(2) LEGOUVÉ, *História moral das mulheres*, citado em MANTEGAZZA, *Fisiologia da mulher*, pag. 207.

instinctiva e mais viva da mulher, com os seus terríveis sentimentos de crueldade e vingança. Contudo o probléma não é tam difficil como parece, se entrarmos em linha de conta com os factores de que resultou o character moral da mulher.

A differença fundamental que existe entre a crueldade do homem e a da mulher, salta à vista até nessas *rixas* vulgares de todos os dias. O homem tende sempre a prostrar o seu rival dum só golpe, pelo contrário a mulher procura principalmente arrancar-lhes os cabêllos, arranhá-lo, etc., numa palavra, tenta sempre ferí-lo em todos os pontos cuja sensibilidade é maior. O homem procura destruír o seu inimigo, a mulher tem em vista fazê-lo soffrer.

Tudo isto resulta da fraqueza feminina. Do mesmo modo que a astúcia, a crueldade é a arma dos fracos. A mulher, porque não pode destruír duma só vêz o seu rival, procura eliminá-lo pouco a pouco, torturando-o sempre que se lhe fornece ensejo, preparando com uma astúcia infernal as armadilhas em que o aprisionará, para depois se vingar com uma alegria feroz.

Outra causa da maior crueldade feminina está na sua menor sensibilidade, que lhe permite avaliar por baixo — porque as imagens mentaes da dôr sam nella menos vivas, — a dôr com que muitas vêzes tortura os seus inimigos.

Esta particularidade psychica da mulher é também um character infantil, que se vae juntar a tantos outros, que já assignalamos na sua organização somática.

Do mesmo modo que a mulher, as creanças sam muitas vêzes más, vingativas e rancorosas, pelo duplo motivo duma sensibilidade emotiva imperfeita que lhes permite ajuizar mal das dôres que muitas vêzes causam, e da sua fraqueza que lhes impede outra forma de vingança mais segura.

Mas por outro lado a mulher é mais fácil de enternecer, tem mais piedade pelos fracos e desprotegidos da sorte.

Como conciliar sentimentos tão contraditórios?

Porque a mulher é fraca, só poderia prosperar nas lutas da vida quando tivesse captado a estima e o amor dos fortes, dos homens, e dahi resultou o seu interesse em se tornar amavel, terna e doce para com os seus dominadores. Por outro lado, a maternidade concorreu efficazmente para desenvolver na mulher, todos esses sentimentos ternos que caracterizam as mães.

Assim pois, em virtude da sua fraqueza e com o auxilio da maternidade, resultou para a mulher, uma espécie de equilibrio instavel (LOMBROSO) entre a piedade e a crueldade, que lhe permite, num curto intervallo de tempo, occupar os dois polos do sentimento — «reagir cruelmente contra o que se lhe apresenta como inimigo e correr piedosamente em socôrro de quem soffre» (1).

Com a evolução da humanidade e por virtude da seleção natural e sexual, este equilibrio tende a tornar-se cada vêz mais estavel, pelo predomínio da piedade sôbre a crueldade.

Entre outras particularidades que se costumam considerar como formando parte do caracter feminino, citamos o *gôsto* que a mulher tem *de contrariar* as opiniões das pessoas com quem trata, a *litigiosidade*.

Devemos porém observar que ha exagêro naquella affirmação. Em primeiro logar, diz um proverbio portuguez, que *um teimoso nunca teima só*, e por isso a argumentação podia voltar-se a favôr da mulher. Por outro lado, a natureza psychológica da mulher explica facilmente, por uma *necessidade de independência*, pela *vivacidade das impulsões*, pela *facilidade das expressões*, etc. a propensão natural (se tal existe), para contrariar as opiniões dos outros.

Um caracter fundamental da *sympathia* feminina que

---

(1) LOMBROSO e FERRERO, obr. cit., pag. 97.

crêmos ser, em grande parte, resultado da educação e dos costumes, consiste no *personalismo* das suas affeições.

É este um dos pontos que os educadores e moralistas devem ponderar com cuidado, abrindo, por uma mais ampla educação, mais largos limites ao campo de acção das ternuras femininas.

MANTEGAZZA nota também o facto: — «O amôr da pátria é mais fortemente sentido pelo homem, pois exige mais raciocínio, mais esforços positivos, mais ardor, mais violência».

É claro que ha excepções, e citam-se muitas mulheres extraordinárias que ao amôr da pátria sacrificaram sem hesitação os seus sentimentos maternos, e até mesmo a própria vida.

Entre nós conta-se sempre, com admiração, o rasgo de amôr pátrio e de abnegação materna, de D. PHILLIPA DE VILHENA, *cingindo as armas aos seus dois filhos na manhã do dia 1.º de dezembro de 1640.*

Da tendência exclusivamente pessoal das affeições femininas, resulta também um menor sentimento pelas misérias collectivas. Assim ao passo que sam susceptiveis das maiores ternuras e bondades para um pobre ou um cego que lhes bata à porta, consideram sempre como um inimigo o *mineiro*, o *grevista*, etc.

É também um dos pontos que a educação feminina se deve esforçar por reduzir aos seus devidos termos, mostrando à mulher que a sua bondade deve também têr aspirações mais nobres e elevadas.

A mulher não deve frustrar a commuidade do que lhe pode dar pelo seu coração (MARION).

## CAPÍTULO IX

## Os sentimentos superiores na mulher

Três defeitos capitaes, a que já por várias vêzes nos temos referidos — *susceptibilidade excessiva*, *ciúme* e *tagarelice*, sam apresentados por vários auctores como característicos femininos, que prejudicam bastante a purêza dos sentimentos mais elevados da natureza humana. É de justiça, porém, reconhecer que estes sentimentos não sam propriedade exclusiva da mulher, porquanto os mesmos defeitos se abrigam no coração do homem.

A maior *irritabilidade* feminina, que difficilmente permite a intervenção do raciocínio na apreciação dos factos, complicando-se pela intervenção do amor-próprio — daquella necessidade de amar e de ser amada, — torna-a *susceptivel e vulneravel* à mais leve beliscadura.

É porisso que a mulher não tolera a *ironia* que a desconcerta, e evita, como muito bem nota MICHELET, a crítica, a discussão, a polémica, que a deixam pouco à vontade.

Do *ciúme* feminino já temos fallado o sufficiente em várias occasiões, por isso nos julgâmos dispensado de mais dizer.

Resta o terceiro defeito — a *tagarelice*, que vamos analysar.

*As mulheres peccam pela lingua*, diz todo o mundo, e em tal affirmação ha alguma verdade.

É de ERASMO a seguinte sentença: — *Ubi lingua res geritur, ne septem quidem viri sunt uni feminae* (1).

Mas, o que também é uma verdade, é que nem só as mulheres sam *curiosas, indiscretas, maldizentes e calumniadoras*, numa palavra *tagarelas*.

«Este prurido, diz MANTEGAZZA referindo-se à curiosidade, é muito commum à mulher, mas não lhe é exclusivo. Achei-o, além doutros, em vários literatêlhos, em filólogos, em linguístas, que, habituados a occuparem-se de ninharias literárias, até na vida social procuram as mesmas diversões».

MARION diz também, referindo-se ao homem:—«*Il aime les mêmes cancans, et s'en amuse; mais il n'y attache pas la même importance*».

Permitta-se-nos transcrever da *Fisiologia da mulher*, de MANTEGAZZA, as duas esplêndidas páginas que aquelle auctor dedica à curiosidade feminina.

«A mulher é mais curiosa do que nós, porque tem menos preoccupações elevadas e fortes, porque se lhes nega inteiramente a participação nas lutas da vida civil. O nosso cérebro é um grande esfomeado; quando não encontra uma alimentação forte e substancial, recorre aos excitantes salgados e apimentados, que acha ao seu alcance. Os prazêres da curiosidade sam os *hors d'œuvre* do grande banquete da vida, e a mulher deleita-se com êlles e dêlles se alimenta quasi exclusivamente.

«Os mexericos sam o pão quotidiano da curiosidade; e satisfazem a fome da novidade e o pervertido apetite de dizêr mal do próximo, como satisfazem a necessidade de tirar vingança das insignificantes humilhações sociaes, e de attender às invejas e contrariedades, que no coração produz o contacto dos homens e das coisas. Nas sociedades pouco cultas, e onde só se nos depara uma aparência de civilização, os mexericos são a substancia com-

---

(1) Cit. em H. MARION, *Psychologie de la femme*, pag. 166.

num de todas as conversações. Se uma dona de casa tivesse a heroica coragem de afixar na sua sala um cartaz com este aviso: «*Os mexericos e a maledicência são severamente prohibidos e castigados*», expunha-se a vêr a sua casa deserta.

«Informar-se dos amôres honestos e deshonestos do próximo, dos casamentos que se preparam, dos que se malogram; entrar no seio das familias para sabêr o que se gasta, o que se bebe e o que se come, se marido e mulher dormem no mesmo leito, ou em leitos diferentes, ou se têm quartos separados; quem é visita da casa, e quantas visitas fazem amigos e conhecidos; occupar-se de tantas minúcias infinitamente pequenas e soberanamente puêris, tal é infelizmente para muitas mulheres o objecto principal, o mais atrahente e mais sério da sua vida.

«Do mexerico à maledicência vae um só passo; pôde até dizêr-se que a maledicência é o sal do mexerico. Como se poderá parolar sôbre insignificâncias por algum tempo, sem falar mal de alguém? E se, entre dez senhoras, seis ou sete, por bondade de alma, por sentimento religiôso, ou por especial educação, gostam de conversar, sem dizêr mal do próximo, uma pelo menos sentirá esta necessidade e leva à conversação novo tom, arrastando insensivelmente tôdas as outras, e passando-se de uma innocente palestra à maledicência.

«As mulheres são infinitamente superiores a nós na maledicência; e os homens, que as igualam sob êsse ponto de vista, têm quasi sempre natureza feminil. As mulheres têm mais ócio do que nós, e mais do que nós sam oprimidas pela injustiça social. Não podem vingar-se com a guerra, com o duelo, com o punho, com a penna; não têm outra arma senão a língua, e por isso se comprazem e se recreiam na maledicência; e exercitando-se continuamente em taes escaramuças, nellas aperfeiçôam suas unhas rosadas e afiam seus dentes de marfim, tornando-se mestras consumadas em maledicência, que, segundo os vários graus de elevação moral, ora é mexeriqueira, ma-

ligna, feita de fel e de grossaria; ora, pelo contrário, é fina, áttica, cheia de inoffensiva malícia».

Do *pudor* já fallamos o sufficiente para se poder ajuizar da sua importância como sentimento feminino, e por isso nos dispensaremos de maiores desenvolvimentos, limitando-nos simplesmente a registar que o pudor da mulher não é só o *receio da sua reputação, um adôrno mais para a sua bellêza, uma questão de temperamento*.

É claro que nem por sombras pensâmos em contestar a importância dos factores mencionados na composição do pudor, mas o que affirmâmos é, simplesmente, que a esse *coquettismo inconsciente, ao egoísmo e à timidêz* se devem junctar o *respeito próprio, o sentimento da dignidade pessoal e a decência*.

Chegamos agora ao campo dos sentimentos superiores, pròpriamente ditos, e começaremos pelo *senso moral*, ou sentimento do *dever*.

MOEBIUS affirma que a *moral feminina* é principalmente uma *moral de sentimento*, ou uma *rectidão inconsciente*.

Isto não quer dizer que a mulher seja immoral com o mesmo auctor concorda: — «*Fintantochè sono dominate dall'amore, o non appena la visione di un dolore risveglia la loro compassione, esse sono capaci di qualsiasi sacrificio e, non di rado, riempiono di meraviglia l'uomo più freddo*» (1).

Nas mulheres, em virtude da sua maior *sympathia* pelos fracos, predomina a piedade sôbre a equidade e por isso as vemos frequentemente enternecerem-se e apiedarem-se por um criminoso a quem foi imposta alguma pena severa.

SPENCER (2) nota bem esta particularidade feminina: — «*Il existe dans l'esprit de la femme une manque visible de la plus abstraite des émotions, qui est ce sentiment de jus-*

---

(1) MOEBIUS, obr. cit., pag. 14.

(2) *Introduction à l'étude de la Sociologie*, chapitre V.

*tice qui règle la conduite indépendamment des affections, des sympathies et des antipathies qu'inspirent les individus».*

O juízo é severo, mas não deixa por isso de traduzir muita verdade.

Mas não é sòmente à sua naturêza que a mulher deve uma tal particularidade psychica. Acostumada a ser conduzida mais do que a conduzir-se por si, que admira que nella predomine o instincto sôbre a razão?

É ainda pelos mesmos motivos que as mulheres sam conservadoras. — «*Faire ce qui se fait et faire ce qu'on doit, pour elles, c'est à peu près tout un*». (MARION).

Até mesmo este character feminino prova bem que na mulher existe a noção do dever; o que é necessário é conduzir a sua educação de modo que as suas affeições particulares não prejudiquem o sentimento do bem geral e público.

A sinceridade. — É vulgar ouvir dizer-se: *mentiroso como uma mulher*. E contudo a verdade é tam rara na naturêza, e os homens sam também tam mentirosos, que parece ousadia affirmar que as mulheres o sejam mais.

É que devemos distinguir entre o respeito pela verdade, a sinceridade íntima — que se encontra nas mulheres do mesmo modo que nos homens, e a tendência natural para occultar as verdades desagradaveis, subjugar os sentimentos próprios, etc.

Admittimos que na mulher exista um menor gôsto pela verdade, abstracta, theórica e que nella haja uma menor facilidade em comprehender qualquer verdade geral; mas esta tendência natural da mulher resultou da sua fraqueza e da educação a que tem estado sujeita durante séculos.

A sua fraqueza orgânica não lhe permittindo dizer tudo, deu origem à *dissimulação* dos sentimentos próprios e das acções praticadas, único meio de evitar a rigidêz da auctoridade marital.

«Um chefe ou um senhor déspota, e arbitrário, cujas decisões variam e cuja lei é dura, obriga os seus subordinados a mentir; succede assim na família, com o pae e com a mãe, a respeito dos filhos; com o marido, a respeito da mulher. Mulheres e creanças portegem-se, defendem-se pela mentira, com o fim de evitar consequências desproporcionaes aos seus actos; mentem por mêdo e para se defenderem» (1).

A mulher é *astuciosa* e é pela dissimulação que a sua astúcia se sustenta. Esta dissimulação é também uma consequência forçada do seu papel sexual, e por isso se exerce instinctivamente.

A mulher, para bem desempenhar os devêres do seu sexo, deve mostrar-se *appetitosa*, e por isso as suas *inclinações pessoas* devem ser *encobertas*, e deve ser *occulto* tudo quanto possa subtraí-la à *adoração* dos outros.

A *educação* tem completado aquella disposição natural; contudo não se pode affirmar que as mulheres sejam completamente isentas de sinceridade.

A *religiosidade*. — A mulher é mais religiosa do que o homem e crêmos que a este respeito não ha dúvidas.

A necessidade de amôr e de appoio, o sentimento da sua fraqueza sam as origens principaes deste character feminino.

«Repugna à mulher, diz MANTEGAZZA, mais do que a nós, a ideia de que tudo acaba com a morte; e, se é verdade que a religião se baseia no grande triângulo das virtudes teologaes, a mulher é, com certeza, muito religiosa, visto que muito crê, muito espera e muito ama.

«O trabalho analytico da razão é que enfraquece e extingue a fé; e à mulher repugna este trabalho, que séca as fontes da religião. Detém-se perante a dúvida, e, fechando os olhos, diz consigo:

«— Não, não; antes crer cem vêzes, do que negar o que se não comprehende! —».

(1) LOMBROSO e FERRERO, obr. cit., pag. 140.

## CAPÍTULO X

## A intelligência da mulher

Na escala zoológica, e nas diferentes classes, a intelligência relativa dos indivíduos dos dois sexos é muito variavel.

Nos animaes inferiores é difficil dizer-se qual dos sexos é o mais intelligente, parece porém que os machos dos Crustáceos e dos Insectos, cujos orgãos motôres e dos sentidos sam mais desenvolvidos, sam também mais intelligentes.

Nos Hymenópteros sam, pelo contrário, como já tivemos occasião de dizer, as fêmeas os indivíduos mais intelligentes da sociedade, ainda que este predomínio da intelligência ande associado a um abortamento dos orgãos genitais.

Com effeito sabe-se que as fêmeas fecundas (raínhas) das Formigas e das Abêlhas sam essencialmente estúpidas.

Nas Aves e nos Mammíferos, os machos sam em geral mais intelligentes; contudo ha muitas espécies onde a superioridade intellectual da fêmea é incontestavel.

Quando se trata de discutir se a intelligência das mulheres é inferior superior ou igual à dos homens, torna-se indispensavel definir claramente que *espécie* de intelligência se considera. Isto é, se se trata duma *intelligência geral*, no *sentido lato* do termo, faculdade de conhecer, comprehender e assimilar mais ou menos as verdades cerrentes (que por certo ninguem pensa em lhes negar),

ou se trata daquella faculdade de pensar *com largueza de vistas* e profundeza, de pensar scientifica e philosophicamente, quer dizer, se se trata da faculdade de *perceber, descobrir e demonstrar as verdades mais elevadas*.

Nós já dissemos que, se os cérebros femininos têm as mesmas circunvoluções e são organizados do mesmo modo que os dos homens, devem também possuir as mesmas faculdades e, que, por conseguinte, as diferenças sexuaes na intelligência só poderám ser quantitativas.

Caracter geral da intelligência feminina. — A intelligência da mulher é *precipitada e intuitiva*, o que lhe permite melhor *adivinhar* do que *aprender*.

CABANIS (1) explica este caracter da mulher, este instinto duma promptidão e segurança admiraveis, pelo interesse contínuo que a mulher tem em observar os homens e as rivaes.

«Os homens, diz ROUSSEAU, philosopham melhor que as mulheres sôbre o coração humano, mas as mulheres lêem nelle melhor do que os homens . . . A mulher observa e o homem raciocina».

SPENCER (2) diz também que uma qualidade, que na mulher se pode cultivar e desinvolver, é a de *perceber promptamente o estado mental das pessoas que a cercam*. «Geralmente este dom particular é constituído por uma verdadeira intuição, que se não baseia sôbre qualquer raciocínio determinado».

LOMBROSO reconhece esta particularidade feminina de adivinhar na physionomia o caracter dos indivíduos: — «*Comme cette jeune fille qui, sans aucune expérience du monde, devina le caractère pervers de l'assassin* FRANCESCONI, *en le declarant coupable d'un crime, alors, que personne ne s'en doutait*» (3).

(1) Cit. em H. MARION, *Psychologie de la femme*, pag. 191.

(2) *Introduction à la Science social*.

(3) *L'homme criminel*, V. II.

Esta penetração psychológica é de *natureza instinctiva*, e deste modo se explica a rigidez e segurança do seu funcionamento.

«O instincto (WUNDT e ROMANES) é preciso mas rígido na sua funcção; entra em acção com uma exactidão me-  
chânica, quando o estímulo se apresenta, sem discernir em que casos a acção é util ou quando é necessário modificá-la. Do mesmo modo na mulher, o instincto é incapaz de apreciar as contradicções, as confusões que podem existir entre a physionomia e o character, como o faria a razão; nem é capaz de comprehender os typos novos, porque o mechanismo do instincto ainda se não adaptou a tal» (1).

Em virtude da sua maior irritabilidade, os seus juízos não sam *frios e calculados* e por isso nem sempre é justa e segura nas suas affirmacções. MARION, um dos maiores defensores da mulher, concorda também neste ponto da sua psychologia: — *Ce n'est donc pas leur faire injure que de se défier un peu de leurs jugements sur les personnes et les choses qu'elles aiment, et aussi bien sur celles qu'elles n'aiment pas*.

Mas não é sòmente pelo coração que a prespicácia e a finura femininas se perdem muitas vezes. Os detalhes prendem-na também mais do que seria conveniente para bem apreciar o conjuncto. Quer dizer, a sua intuição é mais rápida do que extensa e profunda; a sua penetração é viva, mas superficial.

Esta qualidade do espirito feminino é também reconhecida por SCHOPENHAUER: — *«La femme est affligée d'une myopie intellectuelle qui lui permet de voir avec pénétration par une espèce d'intuition, les choses voisines; mais son horizon est borné: ce qui est lointain lui échappe»*.

E M.<sup>me</sup> REMUSAT, uma mulher illustre por todos os mo-

---

(1) LOMBROSO e FERRERO, obr. cit., pag. 176.

tivos, confessava francamente:—«*La suite et la profondeur nous manquent quand nous voulons nous appliquer à des questions générales. Douées d'une intelligence vive, nous entendons sur-le-champ, devinons mieux et voyons souvent aussi bien que les hommes. Mais trop facilement émues pour demeurer impartiales, trop mobiles pour nous ape-santir, apercevoir nous va mieux qu'observer. L'attention prolongée nous fatigue*».

Isto pôsto, consideremos agora de per si, cada uma das differentes faculdades intellectuaes.

O génio. — Têm existido mulheres illustres em quasi todos os ramos da actividade intellectual, e citam-se especialmente: SAPHO, CORINA, TELESILLA, M.<sup>nes</sup> BROWNING, DAVID SOHN, GAUTHIER, ACKERMANN, na poesia; M.<sup>nes</sup> EL-LIOT, G. SAND, DE STERN, DE STAEL, na litteratura; M.<sup>nes</sup> BONHEUR, LEBRUN, MARAINI, LISANI, na arte; M.<sup>nes</sup> SOMMERVILLE, ROYER, SOPHIA TARNOWSKI, GERMAIN, na sciência, etc. O que porém é inegavel é que nenhuma destas mulheres attingiu as culminâncias do génio que caracterizaram um SHAKSPEARE, um BALZAC, um ARIS-TÓTELES, um NEWTON, um MIGUEL ÁNGELO, etc.

É porém costume dizer-se, e é o argumento favorito dos feministas, que se realmente as mulheres têm mostrado uma tal inferioridade, isso resulta das condições sociaes; e em especial da ignorância em que a mulher tem sido mantida e dos prejuízos que se oppõem ao desenvolvi-mento intellectual.

Pode todavia responder-se que, em primeiro lugar, a ignorância da mulher não é tão geral como se suppõe, porquanto já nos séculos xv e xvi as mulheres das classes elevadas recebiam educação idéntica à dos homens e LAVOISIER, CUVIER, etc., tiveram entre os seus discípulos mais applicados algumas mulheres; por outro lado, do povo tem saído mais homens de génio do que mulheres illustres, o que prova bem a pouca importância do argu-mento dos feministas.

LOMBROSO e MANTEGAZZA affirmam ainda que as mulheres de génio têm, em geral, caracteres masculinos.

«As mulheres illustres, que fôram ao mesmo tempo espôsas affectuosas e mães felizes, sam sempre raras excepções, pelo menos até hõje; pagam êste previlégio com um nervosismo estranho e dolorôso, com incessantes neurastenias, e, o que ainda é peor, com fataes lacunas do coração».

A originalidade. — As mulheres peccam pela *imaginação*. Não se trata porém daquella faculdade superior (*memória imaginativa*) que cria, que inventa e que faz parte integrante do génio; é outra a imaginação que as mulheres têm de mais. É a disposição natural para exagerar, as alegrias, as tristezas, as dúvidas e as esperanças, criar chimeras, complicar e alterar os factos, tudo isso que faz a mobilidade e a agitação do seu espírito.

A educação actual da mulher pela sua má orientação, e a sua grande irritabilidade, explicam dum modo cabal muitas extravagâncias e caprichos da psychologia feminina.

Do mesmo modo que o génio, na mulher não se encontra, ou é muito rara a *originalidade*.

«Nas mulheres, como diz SPENCER, a faculdade representativa é prompta e nítida para o que é pessoal, especial e immediato. A representação nítida das conquências directas e símples exclue quasi sempre do seu espírito a das conquências complexas e indirectas».

Até STUART MILL concorda em que nas mulheres falta a originalidade.

MAX NORDAU diz: — «A mulher é typica, ao passo que o homem é original; a physionomia da primeira pertence à media, a do segundo é original».

Um outro aspecto da menor originalidade feminina é o seu maior *misonismo*.

É por isso que a mulher é conservadora: — «*Echo involontaire de tout ce qui s'est fait autrefois, l'esprit féminin*».

*confond la religion avec la superstition, les institutions utiles avec des formalités sans but, les actions intelligents avec des ceremonies vides de sens et les axiomes sociaux souvent inspirés par le respect envers le prochain, avec la sottise etiquette» (1).*

A assimilação e a memória. — Na mulher não se encontra, ou só muito raramente, aquella curiosidade que impelle o homem a procurar a verdade, descobrir causas, estabelecer relações e dependências, etc., essa curiosidade que faz os observadores e os sábios.

Pelo contrário e por isso mesmo (2), na mulher se encontra mais do que no homem essa forma inferior de curiosidade (de que já fallámos), que consiste no prazer de saber pequenas cousas para as tornar a dizer, penetrar pequenos segredos sobretudo os que se lhes quer occultar, *mexericos*, numa palavra.

A memória das mulheres é tam boa ou melhor que a dos homens. MOEBIUS affirma que nellas se encontra uma *perceptividade e memória sufficientes*, mas que lhes falta a *associação voluntária das representações* e a *capacidade de formar juízos novos*.

Isto devia ser assim porque, como nota SPENCER, as faculdades criadora e de assimilação estão quasi sempre na razão inversa uma da outra.

MARION também reconhece este facto: — *«Elles faiblissent dès qu'il faut rendre compte des faits, trouver e coordonner des raisons»*.

(1) MAX NORDAU, *Paradoxes*.

(2) «Estes dois géneros de curiosidade (diz MARION), têm por base commum uma certa actividade do espirito; mas esta actividade é tam differente num caso e no outro que se pode dizer que um daquelles góstos, desde que é intenso, exclue o outro, que a grande curiosidade mata a pequena e que esta é sempre um signal de mediocridade intellectual».

Pode explicar-se esta particularidade feminina pela grande suggestionabilidade da mulher, que a predispõe a acreditar promptamente o que se lhe affirma de qualquer modo.

«*Les femmes croient sans parole d'honneur tout ce que leur dit un professeur aimé*» (MARION).

CARL VOGT corrobora esta affirmação: — «*La femme est superieur pour l'emmagasinement des choses apprises, et inferieure en tout ce qui concerne l'activité intellectuelle et le raisonnement personnel*».

Todos estes factos, que tendem a provar uma menor potência creadora da intelligência feminina, têm a sua explicação.

O critério da verdade differe do homem para a mulher. Na mulher é menos objectivo em virtude da sua maior impressionabilidade, que lhe permite tomar muitas vezes como verdades as suggestões próprias ou dos outros, e por isso tem uma menor necessidade de ver para crer.

Segundo LOTZE (1), a verdade teria para as mulheres uma significação especial: — «*per lei é vero tutto ciò ché pare ragionevole e che non è contrario a quanto se conosce; poco impòrtandole se sia proprio reale*».

Esta menor vivacidade do espírito feminino, resulta evidentemente da menor differenciação do seu cérebro, que sentirá com menos intensidade as sensações vindas do exterior, e sentirá também menos intensamente as imagens que resultam da associação dessas sensações, isto é, as ideias.

O mesmo facto explica também a menor originalidade, em virtude da menor *fôrça de associação* das suas ideias. Quanto mais facil fôr esta associação tanto maior será a potência criadora, em virtude da relação que existe entre a *associabilidade* e a determinação dos estados da consciência. (SPENCER).

---

(1) VIAZZI, obr. cit, pag. 52.

A aptidão científica. — A intelligência feminina é especialmente apta para o que é *concreto, particular, pessoal e intuitivo*.

E é precisamente por este facto que à mulher repugna *abstrair, generalizar e raciocinar*.

Esta particularidade feminina é reconhecida por todos os escriptores. AUGUSTO COMTE diz: — *«J'ai toujours trouvé partout, comme caractère constant du type féminin, une aptitude restreinte à la generalisation des rapports, à la persistance des déductions, comme à la prépondérance de la raison sur la passion»*.

Este facto é tam verdadeiro que até o próprio MARION, que tam favoravel é às mulheres, concorda com elle: —

*«Au lieu des nombres, figures ou des concepts, auxquels l'esprit féminin guidé par des bonnes méthodes est parfaitement capable de s'appliquer avec succès, qu'il s'agisse des choses réelles, des phénomènes de la nature ou de la vie humaine, là, tout ce qu'on dit de l'impuissance de la femme à abstraire, de son inaptitude à généraliser correctement, de l'étrangeté des ses raisonnements, est profondément vrai; et cette vérité, notre devoir est de la mettre ici en pleine lumière, quoi qu'il doive en resuller pour l'application pédagogique»* (1).

É por isso que as mulheres se tẽem distinguido nas sciências naturaes e nas mathemáticas — LAURA BASSI na geometria; na álgebra e no grêgo; M.<sup>me</sup> KOWALEWSKA professora da Universidade de Stockolm, era uma géometra eminente; SOPHIA GERMAIN, também muito distincta nas mathemáticas, etc.

Mas todas confessam, até as mais distinctas, que «a lógica não foi feita por ellas nem para ellas».

As mulheres sam sobretudo notaveis no *estyllo epistolar*

---

(2) H. MARION, obr. cit., pag. 213.

e isto é uma consequência necessária do seu modo de ser intellectual e emotivo.

«A naturalidade e a propriedade formam o caracter essencial do estylo epistolar; o requinte de *espírito*, de elegância e de correção, é alli indispensavel.

«Quem é que escreve melhor? Aquelle que tem mais mobilidade de imaginação, mais desembaraço, mais graça e mais originalidade de espírito, mais facilidade e gôsto na maneira de se exprimir.

«Todos estes predicados a mulher os possui» (1).

A mulher é pois menos intelligente do que o homem, e a oppressão a que tem estado sujeita até hoje, por si só, não pode explicar semelhante inferioridade.

Uma outra causa mais profunda, que deriva infallivelmente da sua natureza, deve commandar toda a sua actividade.

Essa causa reside por certo na maternidade. Ha um antagonismo pronunciado entre as funções da reprodução e o desenvolvimento intellectual (LOMBROSO).

Nós até já citamos o caso das Abêlhas, Formigas e Termite onde existe uma superioridade intellectual das obreiras sôbre a raínha, que em geral é muito estúpida.

Nós comprehendemos perfeitamente que com o melhorar das condições sociaes a mulher terá muito que ganhar, e poderá contribuir de modo mais efficaz para as artes, para as lettras e para as sciências; contudo crêmos que a mesma distância, pouco mais ou menos, separará sempre intellectualmente os dois sexos.

E terminamos, respondendo com uma transcripção de MANTEGAZZA a certas objecções que se costumam levantar contra a maneira de vêr que perfilhamos.

«Os advogados da igualdade intellectual dos dois sexos

---

(1) MANTEGAZZA, *Fisiologia da mulher*, pag. 317.

têm apresentado um longo catálogo de mulheres illustres, para nos provar que até as filhas de Eva sam capazes de grandes coisas. Com a mesma lógica, poderia eu também citar um grande número de homens estúpidos, para demonstrar que, até no campo da intelligência as mulheres nos sam superiores».

## CAPÍTULO XI

## Caracteres sexuaes da vontade

Antes de mais nada precisamos de definir em termos claros, o que entendemos por vontade. Não nos compete discutir a questão do *livre arbitrio*, o que aliás é desnecessário, porquanto em sciências naturaes o *determinismo* é um facto. Todas as grandes polémicas que se tem levantado em tórno da theoria physiológica da vontade, não têm passado de palavras e argumentos que, na sua essência, não sam mais do que *subtilezas de engenho*, baseadas quasi sempre em *petições de principio*.

Examinemos a citada theoria.

O acto reflexo psychico, consciente, é uma acção involuntária (1).

Isto porém não quer dizer que os actos reflexos não possam estar sob a dependência da vontade.

Exemplifiquemos.

Uma pessoa a quem se faça menção de descarregar uma pancada na cabeça, defender-se-ha naturalmente com o braço e um tal movimento súbito e involuntário é um acto reflexo psychico consciente.

Mas o indivíduo em questão pode deixar de levantar o braço e então diz-se que a sua vontade foi sufficiente-

---

(1) RICHET, *Psychologie générale*, pag. 158.

mente forte para impedir o referido movimento; quer isto dizer que a vontade pode impedir um reflexo.

A fôrça da vontade varia com os indivíduos. Com effeito, imaginemos um grupo de indivíduos, cada um dos quaes fez *tenção* de não se mover ao effectuar-se o simulacro duma pancada na cabeça.

Pode suppôr-se que, em intenção, a fôrça de inibição daquelle acto reflexo, é a mesma em todos, porque cada um fez *tenção* de se não mover; mas, em potência, essa fôrça será differente em cada um.

Daquelle grupo *alguns* não conseguiram deixar de levantar o braço.

*A vontade é esta fôrça* de inibição; effectivamente é sustendo, diminuindo e moderando as acções instinctivas ou reflexas que a vontade se exerce.

Se um centro nervoso é abalado por uma excitação qualquer, responderá por um acto reflexo, o qual poderá ser impedido, se simultaneamente se produzir uma acção inibitória.

É claro que tanto a acção de excitação como a acção inibitória não têm necessidade de estar na dependência immediata duma sensação presente. As ideias antigas podem produzir o mesmo effeito, ainda que nenhuma fôrça exterior actual as provoque.

No facto da determinação, a consciencia toma parte simplesmente como espectador, e a prova está em que, tendo todos os indivíduos resolvido dum certo modo, somente alguns conseguiram levar por deante a sua resolução.

É o que succede, por exemplo, com certos actos reflexos, perfeitamente conscientes, sobre os quaes a vontade nada pode.

Não ha ninguem que não pestaneje quando se lhe aproxima bruscamente dos olhos um objecto qualquer, e contudo o acto é perfeitamente consciente.

A consciencia em nada altera o poder de inibição dos actos reflexos, porque coexiste mesmo com aquelles que é impossivel inibir.

Que a *vontade* é de natureza orgânica, é fácil de provar.

Basta vermos como as determinações de vontade podem ser modificadas pela acção de certos venenos.

Imaginemos que um indivíduo, entrando numa sala de jôgo e tentado pela ideia de ganho e de fortuna que todo o conjuncto desperta na sua consciência, mette a mão ao bolso para collocar uma moéda sôbre um número. Mas simultaneãmente, e porque o indivíduo se encontra no estado normal, não é jogador, sabe que perderá quási com certeza e tem bem nítidas as ideias de que o jôgo é immoral, etc., não jogará e sahindo da sala pensará que na realidade foi elle quem se decidiu a não jogar e que a sua determinação não resultou do combate entre todas aquellas ideias antagonistas.

Mas se no dia seguinte, antes de entrar na sala de jôgo o mesmo indivíduo tiver tomado alguns copos de vinho *a mais*, nesse dia então já não será senhor de si; todo aquelle poder de inibição terá desaparecido, e jogará com um imbecil, arrependendo-se depois (RICHET).

E quantos segredos, sôbre que se deu a *palavra de honra*, sam tantas vêzes revelados sob a acção enervante do alcool?

É evidente que, como toda e qualquer outra funcção cerebral, esta fôrça de inibição se poderá cultivar, desinvolver pelo uso e orientar.

O hábito ao mesmo tempo que embota a sensação excitadora, reforça a potência de inibição.

Certos philosophos dizem que as ideias — motivos de acção — não sam independentes do nosso desejo, e que é precisamente o valor maior ou menor que nós damos a uma determinada ideia, aquillo que constitue o facto voluntário.

É inegavel que a *atenção* que se liga a uma determinada ideia, pode reforçar ou deminuir a sua intensidade; e desse facto resulta algumas vezes para o indivíduo uma determinação no sentido contrário àquelle em que seria impellido se a atenção não fosse tanta; mas, o que se

deve ter sempre presente, é que nem a atenção nem a vontade podem mudar fundamentalmente a natureza das imagens.

Um quadro negro, qualquer que seja a atenção que se lhe preste, será sempre negro. E qualquer que seja a fixidez e o tempo com que o observarmos, será sempre negro, embora a sua intensidade possa variar. E o mesmo succederá com a imagem mental dêsse quadro; será sempre negra.

A atenção serve simplesmente para reforçar as *imagens indifferentes*.

Eis a demonstração de RICHTER: — «*Le père de Chiméne vient d'être tué; Chiméne a beau vouloir songer à une autre chose, faire attention aux discours du roi ou de l'infante, elle ne peut pas y arreter sa pensée. Elle ne fait attention qu'au souvenir de son père mort: cette idée s'impose avec une telle persistance, que la volonté de l'effacer ou de la diminuer est reduite à une absolue impuissance*».

A atenção é pois um aparelho de excitabilidade que reforça as imagens; mas não pode exercer a sua acção além de certos limites, bastante estreitos; é inefficaz quando uma imagem muito forte, presente na consciéncia, absorve todas as outras (1).

Nalguns casos em que a atenção está livre, parece que na realidade o espirito possui um certo *poder de direcção*; mas devemos sempre lembrar-nos que poder de direcção não quer dizer *liberdade de direcção*.

A direcção da atenção é um phenomeno fatal, involuntário, como toda e qualquer acção physiologica.

Esta direcção da atenção é tudo quanto ha de mais contrário à liberdade, porquanto em vez de commandar as ideias, é escrava dellas.

Em summa: — «A vontade não é livre; é determinada

---

(1) CH. RICHTER, *La psychologie générale*, pag. 168.

por uma imagem, uma sensação, uma emoção que tem mais fôrça que as outras imagens, sensações ou emoções» (1).

A vontade feminina. — Porque a sensibilidade da mulher é menor, menor é a sua intelligência, e, por conseguinte, as manifestações da vontade feminina serám necessariamente menos enérgicas e menos precisas.

É pois natural encontrarmos na mulher não só uma menor *iniciativa*, mas também muitas vezes uma menor *firmeza de resolução*.

Deve porém notar-se que estes dois caracteres da vontade feminina podem deixar de ser concomitantes, sendo até frequente encontrar indivíduos morosos em tomar uma resolução, e que manifestam uma *vontade de ferro* uma vez determinados num certo sentido.

Uma das causas principaes da fraqueza da vontade feminina, consiste precisamente na falta de firmeza das suas resoluções, embora a decisão seja muitas vezes rápida.

É por isso que todos dizem: A mulher é caprichosa. Na verdade, o *capricho* consiste numa actividade agitada e inconstante que se encontra vulgarmente nas mulheres.

Um outro motivo de fraqueza da vontade consiste numa certa *obstinação*, muitas vezes determinada pela ausência de impulsão, mas que pode também ser consequência da fraca nitidez das ideias, que se pode comparar a uma *inflexibilidade* da *faculdade de agir* em presença dum obstáculo (MARION).

Nós já fallámos da coragem feminina e o que então dissemos comprehende-se agora melhor. As mulheres sam corajosas a seu modo, e impellidas por um sentimento forte affrontam denodadamente o perigo.

A vontade da mulher depende em energia e fôrça do valor dos sentimentos a que obedece, porque na mulher o coração é tudo. Nella não se encontra com a mesma

---

(1) RICHET, obr. cit., pag. 170.

frequência que no homem aquella faculdade de resolução, prompta e rápida, que constitue o traço essencial do *character*. O que não quer dizer que a mulher não seja impulsiva; pelo contrário, a multiplicidade dos motivos oppostos, que se baralham simultâneamente no seu cérebro, é que lhe não permite tomar uma decisão.

É que impulsão e iniciativa differem alguma cousa.

Para que haja iniciativa é necessário: *a*) que a impulsão, única ou dominante, seja duradoira e comece a série dos actos; *b*) que a impulsão seja reflectida, isto é, que a razão a aceite e perfilhe.

Ora a mulher, em virtude da sua impressionabilidade extraordinária, ou está na dependência da multiplicidade das impulsões que a agitam, e então não veremos nella mais do que caprichos; ou cede irreflectidamente à violência das suas paixões, e a vontade nada tem com um tal estado.

Por outro lado, como é facilmente suggestionavel, torna-se-lhe mais difficil comprehender qualquer cousa nova; e quando obedece a verdadeiros motivos conscientes, esses motivos serám sempre o producto do meio, da opinião, da tradição ou do costume.

Do mesmo modo que a iniciativa, falta à vontade feminina a firmeza na execução. Começam tudo e não sabem acabar. E a causa dum tal defeito está ainda naquella mobilidade de espírito, que as caracteriza, e que resulta da sua grande impressionabilidade.

*«Les enfants, les femmes, et en general les esprits légers ne sont capables d'attention que pendant un temps très court, parce que les choses n'éveillent en eux que des sentiments superficiels et instables (RIBOT).*

Móveis em excesso, versáteis, e phantásticas sam porém susceptíveis duma tenacidade a toda a prova. *«La patience de cette créature essentiellement impatiente peut surpasser celle de l'homme plus firme, à la condition qu'un sentiment sans cesse renouvelé la soutienne, soit qu'elle le trouve en elle seule dans le secret de son cœur, dans sa foi reli-*

*gieuse ou dans son amour par exemple, soit que l'assistance d'une volonté amie la soutienne» (1).*

A impaciência e a obstinação sam caracteres da vontade feminina. Mas crêmos que em taes predicados a educação fará muito, e melhores tempos virám em que a vontade feminina será mais forte e melhor orientada.

---

(1) H. MARION, obr. cit., pag. 235.

## CAPÍTULO XII

## Conclusões

Da análise detalhada que fizemos àcerca da estrutura orgânica e psychológica da mulher, resulta, como uma verdade indiscutível, como uma consequência lógica, que o seu *destino normal* é ser *espôsa* e *mãe*; e que a educação deverá ter sempre em vista prepará-la de modo que possa desempenhar do melhor modo possível esse papel, e que dahi resulte a sua felicidade.

Mas é preciso também comprehendermos que ser espôsa e mãe não é todo o destino da mulher.

Primeiro, porque nem todas as mulheres se casam ou sam mães e muitas envelhecem no isolamento da viuvez depois de terem conhecido as alegrias duma família; depois, porque, e do mesmo modo que o homem antes de ser espôso e pae, a mulher tem direito a uma educação que permitta desinvolver e cultivar os attributos que caracterizam todo o sêr humano independentemente dos sexos.

MARION põe em termos sufficientemente nítidos a questão: — *«Il faut l'élever pour être épouse et mère parfaite, si elle le devient; et il faut l'élever pour qu'elle sache au besoin n'être ni l'une ni l'autre, et tenir encore sa place honorablement et utilement dans la société»*.

Estas é que sam as bases em que deve assentar uma educação racional da mulher e todos os educadores e psychólogos a quem opiniões antecipadas não prejudicam os

juizos e falseiam os argumentos, assim o têm comprehendido.

Eis a opinião de MANTEGAZZA: — «Se a louca mania da *igualdade* tem perturbado o problêma, invocando para a mulher direitos iguaes aos do homem, todos nós devemos fazer que ella goze, não os nossos direitos, mas os seus direitos próprios. As leis devem facultar-lhe a liberdade e a capacidade de desinvolver todos os seus direitos de mulher.

«A mulher tornar-se-ha melhor, mais feliz sobretudo, não igualando-a a nós, o que seria agravar-lhe a sorte e multiplicar-lhe os soffrimentos, mas concedendo-lhe todos os direitos de mulher.

«A *igualdade*, negaça que, sob a forma de justiça ideal, tem paralyzado tantas vontades, tantos cérebros geniaes, é a maior das injustiças, e, sob colôr de *salvuardar a liberdade*, é a peor das tiranias».

A posição social da mulher é má, já o dissemos e todos estão compenetrados de tal facto; mas também é notório que a posição da mulher é má, porque as leis têm sido feitas pelos homens «pensando sempre em si e nunca nella» (SECRETAN).

É por isso que os feministas reclamam a todo o transe como único meio de obviar a tam injusta tirannia, a *igualdade de direitos* para os dois sexos.

Quer se trate da camponeza ou da serva, da operária ou da burgueza, da grande dama ou de qualquer outra classe ou jerarchia de mulheres, facil será constatar a sua triste condição social.

Para a operária, por exemplo, a situação é triste comparada à do homem.

Segundo uma estatística de VICTOR ELLENA, as mulheres sam em maior número do que os homens nas grandes indústrias.

Em 382:131 operários que entram na referida estatística, 103:562 sam homens e 188:486 sam mulheres, não contando as creanças; ou seja 27 % de homens por 49 % de mulheres.

Estes operários distribuem-se do seguinte modo :

	Homens	Mulheres
Sêdas.....	15:692	120:428
Algodões.....	15:558	27:309
Lans.....	12:544	7:765
Linho e cânhamo.....	4:578	5:359
Tecidos vários.....	2:185	2:536
Papel.....	Números quasi iguaes	
Tabacos.....	1:947	13:707
Indústria dos coiros.....	Tôdos homens.	

Na Itália, em face duma estatística que possuímos sôbre a distribuição dos operários segundo os sexos nas diferentes províncias, nota-se sempre um excesso a favor das mulheres.

	Homens	Mulheres
Piemonte.....	22:617	40:388
Lombárdia.....	24:438	78:743
Veneza.....	11:151	21:257
Emília.....	4:458	6:114
Marcas.....	2:753	6:248
Toscana.....	7:759	11:186

Em Portugal existe também um número maior de operárias em quasi todas as installações fabrís.

Este facto representaria incontestavelmente um bem, se a retribuição do trabalho fosse equitativa, mas desgraçadamente não succede assim.

Ahi vam os números, affrontosamente verdadeiros. Representam os salários comparados dos dois sexos nas fábricas algodoeirias de Cantoni (1) :

Fiandeiros.....	360 réis	Fiandeiras. ...	200 réis
Tecelões.....	480 »	Tecedeiras.....	220 »

(1) Não juntamos os dados relativos às nossas fábricas por não termos conhecimento das estatísticas correspondentes, mas podemos affirmar dum modo cathegórico que, entre nós, a differença se mantém do mesmo modo ou ainda mais aggravada.

Nos outros países succede o mesmo.

Na Itália, os salários das fábricas de linho e cânhamo sam de 640 reis para os homens e de 210 reis para as mulheres.

Na França, a proporção é do dôbro por metade, e na Allemanha, é de 600 para 340 reis.

Até na própria América, pátria de todas as liberdades e onde o sexo feminino tantas e tam grandes conquistas tem obtido para a sua causa, até ahi se encontra a mesma extraordinária injustiça.

No estado de New-York ha 19:400 professoras primárias e 8:000 professores. O ordenado das professoras é de 1:900 dôllars por anno ao passo que o dos professores é de 3:000! Entre nós, embora magros, os ordenados sam porém iguaes.

Comprehender-se-hiam taes differenças, se o trabalho das mulheres valesse menos ou fosse menor; mas não é nada disso o que determina aquella desproporção, porquanto até nas empreitadas, a mão de obra feminina recebe peor paga.

Na familia, a situação da mulher é péssima. O poder marital é tudo, e basta lançar os olhos sôbre os differentes capítulos dos nossos Códigos para nos compenetrarmos da sua triste sorte.

É nossa opinião, que o primeiro passo a dar, para um melhoramento na condição da mulher, reside na instrução; ahi é onde está a verdadeira igualdade a que todas têm direito de aspirar.

Ninguem melhor que MANTEGAZZA retrata ao vivo a educação (!) que nos povos latinos se ministra à mulher.

«Toda a educação moderna da mulher não mira senão a torná-la idónea para o casamento; e como, na Itália (e em Portugal também), o homem está um século atrás dos seus contemporâneos da Allemanha, da Inglaterra e da América, quer ter por mulher uma boneca bem penteada, animada e gentil, mas sempre boneca!

«Sim, a mulher burguêsa, na Itália, é uma boneca que

nos intertém quando é espirituosa, que nos fascina quando é bella, que se deseja como fêmea, mas que se estima escassamente. Se possui virtudes, e às vezes muito grandes, deve-as todas à natureza e não à educação.

«Com respeito à religião, conhece os cultos mas ignora as altas idealidades.

«Da moral, conhece a forma, e sobretudo a hypocrisia.

«Da sciência da vida, da hygiene, nada ou quasi nada.

«Da litteratura, um pouco de francês e inglês; um pouco de música e de pintura. Parecer instruída, mas não o ser muito; saber que DANTE é o primeiro dos nossos poetas, mas não o ter lido nunca; saber que ROUSSEAU e VOLTAIRE não devem ser lidos por uma senhora de bem, e ignorar ou fingir ignorar como os homens sam reproduzidos, ellas que os reproduzem!

«Nada do que possa satisfazer a felicidade intellectual da mulher, e com o que ella poderia bastar para si, economicamente e espiritualmente.

«Tal é a educação que damos às donzellas, na escola, no collégio e em casa; mas, em compensação, recebem outra clandestinamente, por intermédio da criada e das amigas pervertidas, dos livros que tiram às occultas da bibliotheca da casa ou que sam emprestados por complacentes amigas, e lidos com avidez, de noite, no silêncio do seu quarto virginal.

«A educação, já de si incompleta, raquítica, superficial e falsa, é ainda viciada pelas cortesias, que a toda a hora assediam uma donzella.

«Na rua, cedem-lhe sempre o lado direito; no theatro, damos-lhe o primeiro logar. Para ella todas as cortesias diplomáticas, e nunca os direitos de dignidade; para ella, todas as atenções e nunca uma consideração séria; tratamo-la, pouco mais ou menos como aos velhos e às creanças».

É pela educação que os feministas devem começar e entre nós — o que nos deve regosijar — as difficuldades estão aplanadas.

Temos escolas primárias para o sexo feminino, os nossos lyceus sam-lhes facultados e as escolas superiores têm recebido como alumnas muitas senhoras que se têm distinguido nas differentes sciências.

Resta sòmente multiplicar as escolas, torná-las populares, legislar de modo que a educação intellectual possa ser ministrada dum modo profícuo às mulheres de todas as classes, que dêste modo terám alcançado um predicado sem o qual não pode jámais existir a verdadeira igualdade.

Chegamos a um dos pontos delicados da questão — *a admissão das mulheres aos differentes emprégos.*

Queréríamos que a educação, collocando a mulher numa certa igualdade de titulos e aptidões, permittisse a sua admissão a todos os empregos *legítimos* da sua actividade, desde o momento em que um tal facto não pusesse em perigo a família e por conseguinte a sociedade.

Para poder realizar um tal *desideratum*, deve sempre ter-se em vista a educação profissional como condição indispensavel de bom éxito.

Assim o comprehenderam em França, cuja capital possuía já em 1893 *seis escolas professionaes municipaes* para o sexo feminino (1).

Além destas, existiam também áquella data as duas escolas professionaes ELISA LEMONIER.

M.<sup>me</sup> ELISA LEMONIER, mulher superior a quem a sociedade tanto deve, fundou, por iniciativa própria, em 1865 uma sociedade — *La société de protection maternelle pour*

---

(1) Temos notícia dessas escolas pelo livro *A indústria do nosso illustre mestre sr. Dr. BERNARDINO MACHADO.*

A frequência daquellas escolas era a seguinte: a da rua Fondary, 217 alumnas; a da rua Bouret, 219 alumnas; a da rua Ganneron, 160 alumnas; a da rua Poitou, 230 alumnas e a da rua de la Tombe Issoire, 230 alumnas.

*les jeunes filles*, que se fundiu em 1862 na *Société pour l'enseignement professionnel des femmes*.

«Intelligência vivíssima, juízo recto e methodico, alma forte, pôsto que muito feminina, desvelada esposa e mãe, actividade irrequieta e incansavel, viveu uma vida toda de dedicações.

«Coroou-lha a Providência, ligando para sempre o seu nome a uma excelsa obra, quiçá destinada a beneficiar successivas gerações» (1).

CARNOT fundou em 1815 a *Société pour l'instruction elementaire*, reconhecida de utilidade pública em 1831; desde 1865, essa sociedade tem-se occupado principalmente da educação da mulher.

O título dos seus cursos é: *Cours normaux professionnels et commerciaux publics et gratuits pour les dames et les jeunes filles*» (2).

Entre outros institutos da mesma natureza citaremos: *L'ecole primaire supérieure des jeunes filles* «SOPHIE GERMAIN» com uma frequência de 380 alumnas e 15 professoras; *La société des Fleurs et Plumes* (3) com uma frequência de 180 aprendizas; *Cours commerciaux de la Chambre de Commerce de Paris pour les femmes et les jeunes filles*, que desde a sua fundação (1874) até 1893 deu ensino commercial a 5:000 raparigas que têm sido empregadas com ordenados variando de 1:000 a 1:800 francos annuaes; *Cours commerciaux de la Ville de Paris*, com uma frequência de cerca de 1000 alumnas, etc.

(1) Dr. BERNARDINO MACHADO, obr. cit., pag. 334.

(2) Dr. BERNARDINO MACHADO, obr. cit., pag. 335.

(3) O programma daquela benemérita instituição é dos mais interessantes.

«1.º Cursos dominicaes gratuitos de instrucção elementar e de desenho industrial; 2.º Concursos profissionaes de trabalho abertos a todas as aprendizas da mesma indústria; 3.º Vigilância das aprendizas nos *ateliers* por delegados da sociedade; 4.º Organização dos *grupos de família* ou internato de aprendizas; 5.º Publicação do boletim annual». Dr. B. MACHADO, obr. cit., pag. 341.

Nós, porém, exceptuando os *Cursos das Escolas industriaes* e as *Escolas Normaes para o sexo feminino*, em mais nada temos pensado.

Na Itália, a primeira escola profissional do sexo feminino foi fundada pela mãe de PAULO MANTEGAZZA, em Milão e o exemplo tem sido seguido em várias outras cidades.

A emancipação intellectual da mulher e o seu accesso aos logares e profissões, que garantam a sua independência económica, crêmos que sam pontos duma inteira justiça.

Para a *solteira* e para a *viúva*, que tantas vêzes se encontram em situações críticas, com família a sustentar, a liberdade deverá ser ampla; para a mulher *casada com* ou *sem filhos*, devem a nosso vêr fazer-se restricções. Para esta sòmente, aquelles emprêgos e profissões que lhe permittam cuidar directamente da casa e dos filhos.

Sabemos que até certo ponto o problêma está resolvido pela *criação das creches*, o que, representando um alto benefício para as classes operárias, não é infelizmente tudo — o filho ainda precisa da educação materna quando já não pode ser collocado na creche.

Nós somos da opinião de MANTEGAZZA: — «A mulher pode ser pintora, esculptora, pode cooperar em várias indústrias, pode ser professora, caixeira do commércio pode ser médica e pharmacéutica; profissões em que pode adquirir a sua independência e o froixel com que entretêça o ninho da família».

Podemos ainda ajuntar: architecta, ebanista, horticultora, photógrapha, relogoeira, pastelleira, etc.

As mulheres negaremos também o accesso às funcções públicas por as julgarmos incompativeis com as funcções da maternidade e como attentórias da graça e da moralidade femininas. É verdade que nos Estados Unidos da América, no estado de Wyoming, as mulheres têm sido eleitas *juizas de paz*, mas parece que os resultados não fôram satisfatórios.

Chegamos finalmente ao ponto mais melindroso da questão feminista: — *A igualdade dos direitos políticos.*

Na América, onde as mulheres gozam duma liberdade *de facto*, o sufrágio político é-lhes negado.

É verdade que nalguns estados — Oregon, Colorado, Nebraska, Indiana, South Dakota — as mulheres têm alcançado o *direito de voto*.

«*Seulement la disposition constitutionnelle, même avec la sanction du gouverneur, ne peut avoir force de loi qu'après la ratification du peuple; et celui-ci a rejeté invariablement les bills relatifs au suffrage politique des femmes*» (1),

Nos países germânicos e slavos, a mulher pode intervir no governo local, e o direito de voto é determinado, não pela qualidade de cidadão, mas sim pela posse de território.

Na Allemanha as mulheres sam admittidas ao sufrágio municipal nos campos; nas cidades sam porém excluídas de votar.

Nos países latinos, onde não existe uma tal distincção, as mulheres sam invariavelmente excluídas da gerência dos negócios públicos.

A Suíssa é um exemplo curioso do que acabamos de dizer: ao passo que, nos cantões germânicos, as mulheres participam da administração local, nos cantões de Génova e de Vaud (românicos) sam excluídas dessa administração.

A lei municipal do cantão de Berne, de 6 de dezembro de 1852, conferiu o voto, por mandatário, às mulheres que pagassem contribuição. Mas em 1885, depois da primeira eleição em que as mulheres usaram daquelle direito, foi-lhes retirado (2).

Na Inglaterra, — onde existe uma espécie de religião pela propriedade, e onde um dos princípios fundamentaes

---

(1) OSTROGORSKI, *Sur la femme au point de vue du droit public* (1892), cit. em MARION, *Psychologie de la femme*, pag. 289.

(2) OSTROGORSKI, obr. cit.

do seu direito público é que todo o possuidor da propriedade, que paga impostos, tem o direito de votar e de zelar pelo emprêgo do seu dinheiro, — as mulheres solteiras ou viúvas, que pagam uma certa taxa, exercem o *direito de voto*, directamente ou por mandatário.

Tomam parte nas eleições da paróchia (antiga *township*), da sachristia (*vestry*) e dos *guardians of the poor*. Neste último caso, o voto é dado no domicílio e recolhido por agentes de policia.

Sam elegiveis às funcções de sacristans, de thesoureiras da paróchia (*churchwarden*), de *guardians of the poor* e de *overseers of the poor* (MARION).

Com a elevação duma *township* a *burgo*, as mulheres perdiam o direito de voto, o que sendo contradictório deu origem à emenda proposta em 1869 por BRIGHT, segundo a qual as mulheres passavam a exercer o direito de voto nas eleições municipaes dos burgos. Tratava-se, é claro, sempre de mulheres não casadas e que pagavam um determinado imposto.

Para os conselhos escholares (*school-boards*), os direitos das mulheres sam um pouco maiores, sam *eleitoras* e *elegiveis*, quer sejam casadas quer não.

Enfim na Inglaterra e na Escócia, as mulheres não casadas sam *eleitoras*, mas não *elegiveis* aos *conselhos dos condados*.

Mas as mulheres pouco ou nada se têm servido do direito de voto, e o que reclamam insistentemente é o suffrágio político, isto é, a *elegibilidade ao Parlamento*.

As mulheres têm tentado por todos os meios alcançar esse privilégio e STUART MILL propôs uma emenda à Reforma eleitoral (*Reform bill*) de 1867, segundo a qual a palavra *man* devia ser substituída pela palavra *person*.

A emenda foi rejeitada: apesar disso as mulheres fizeram-se inscrever nas listas, mas não conseguiram fazer valer as suas candidaturas. Intentaram processos contra tal facto, mas perderam-nos.

A questão está neste pé, e numa discussão parlamentar

da *Câmara dos Communs* conseguiram já que o seu *bill* fosse apenas rejeitado por uma maioria de 12 votos.

Nos países latinos, escusado é fallarmos, os direitos políticos das mulheres sam nullos.

Pondo de parte os argumentos que se baseiam nos prejuízos da graça feminina com a igualdade de direitos políticos, iremos mostrar que outros ha mais fortes e ponderaveis que a tal se oppõem.

A questão é toda de ordem pública e política no sentido mais elevado do termo: antes dos interesses femininos devem pôr-se os da sociedade.

Primeiramente o suffrágio político dos homens está longe de representar uma obra perfeita e caminha a passos vagarosíssimos. Este facto por si só, bastaria para resolver a questão no sentido das nossas ideias.

Não haveria vantagem em dobrar e complicar as difficuldades que, já existem, concedendo o direito de voto às mulheres.

Um tal facto não seria perigoso se a união moral fosse completa, mas então seria inutil.

Nós crêmos até, que a questão dos direitos políticos das mulheres não tem sido posta nos seus devidos termos.

O ideal da mulher deve comportar todos aquelles melhoramentos que conduzam a uma igualdade moral e civil, a uma igualdade de cultura e de dignidade, a um igual desinvolvimento nas artes e nas sciências, sem perigos para a família nem para a sociedade, e pelos quaes possa alcançar o máximo da felicidade.

O ideal deve ser a solidariedade no seio da família e a questão dos direitos políticos iria quebrar essa solidariedade.

Quando a nós, já tam práticos no exercicio dos direitos de voto, a política tanto nos divide; com a interferência das mulheres na política o que seria da solidariedade familiar como condição essencial do progresso? Teria necessariamente de succumbir quando a mulher, levada pela

sua paixão política, se lançasse em luta contra o marido, contra os paes e contra todos aquelles cujas ideias devia apoiar.

E como devemos sempre caminhar para a maior perfeição das uniões conjugaes, como o interesse da mulher e da communitade é conservar intactos os laços conjugaes tornando o matrimónio mais doce, mais forte e sobretudo mais moral; e como o suffrágio das mulheres só poderia servir para perturbar toda esta harmonia pela multiplicação das occasiões de discórdia, julgamos inexequivel e perigosa a igualdade política das mulheres.

A família unida é a verdade social; e neste caso a mulher será sufficientemente bem representada, em política, pelo marido.

E pelo que respeita aos seus direitos de bem querer servir a pátria, pensamos que têm um meio, o mais seguro de todos, de patentear as suas capacidades:— consiste em educar cidadãos prestaveis e uteis à sociedade.

«A educação, diz MARION, é a verdadeira política superior. A mulher fazendo esta política, fará também obra cívica, infinitamente mais util do que lançando-se na confusão dos partidos à procura de garantias».

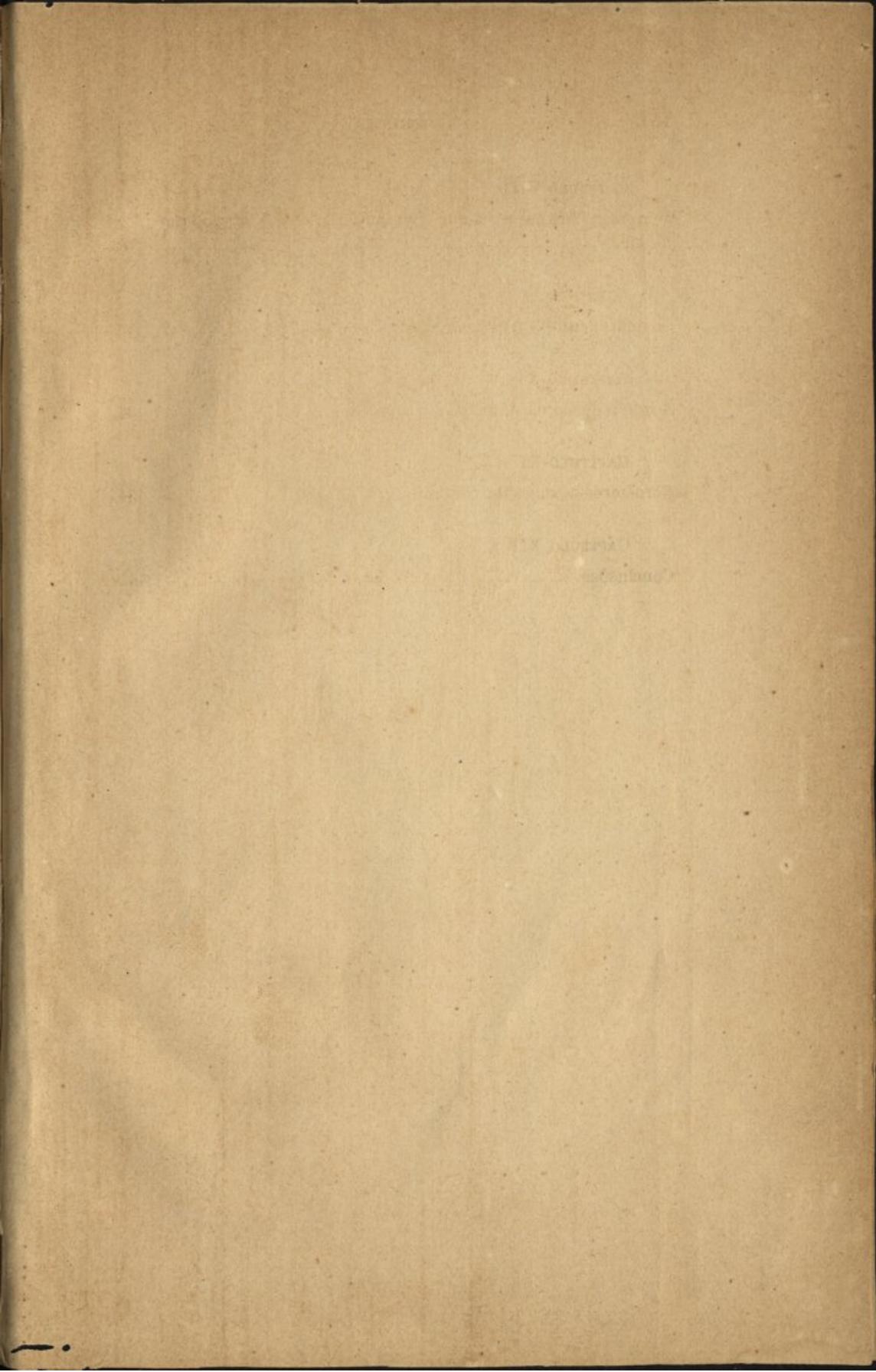
---

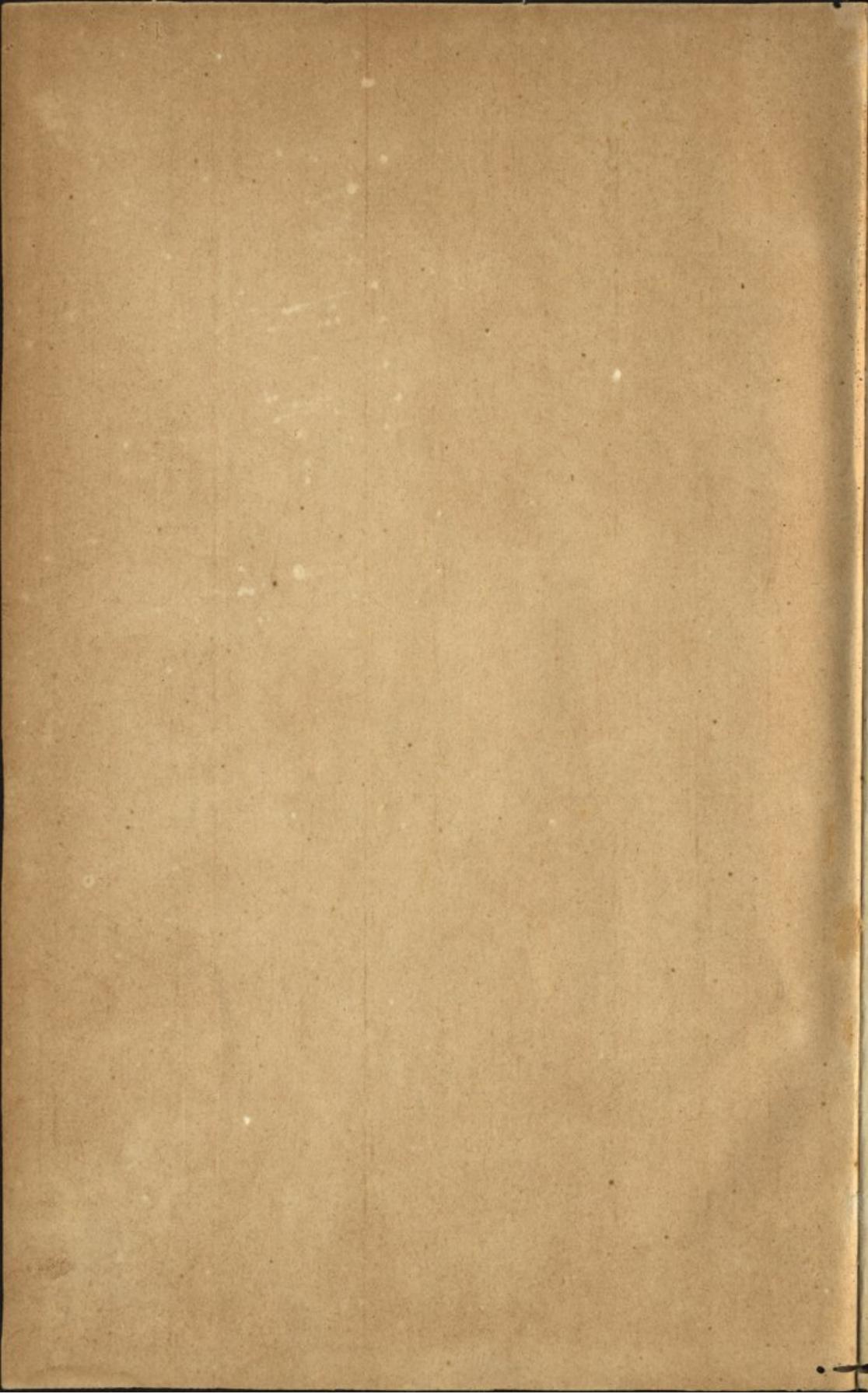
## ÍNDICE

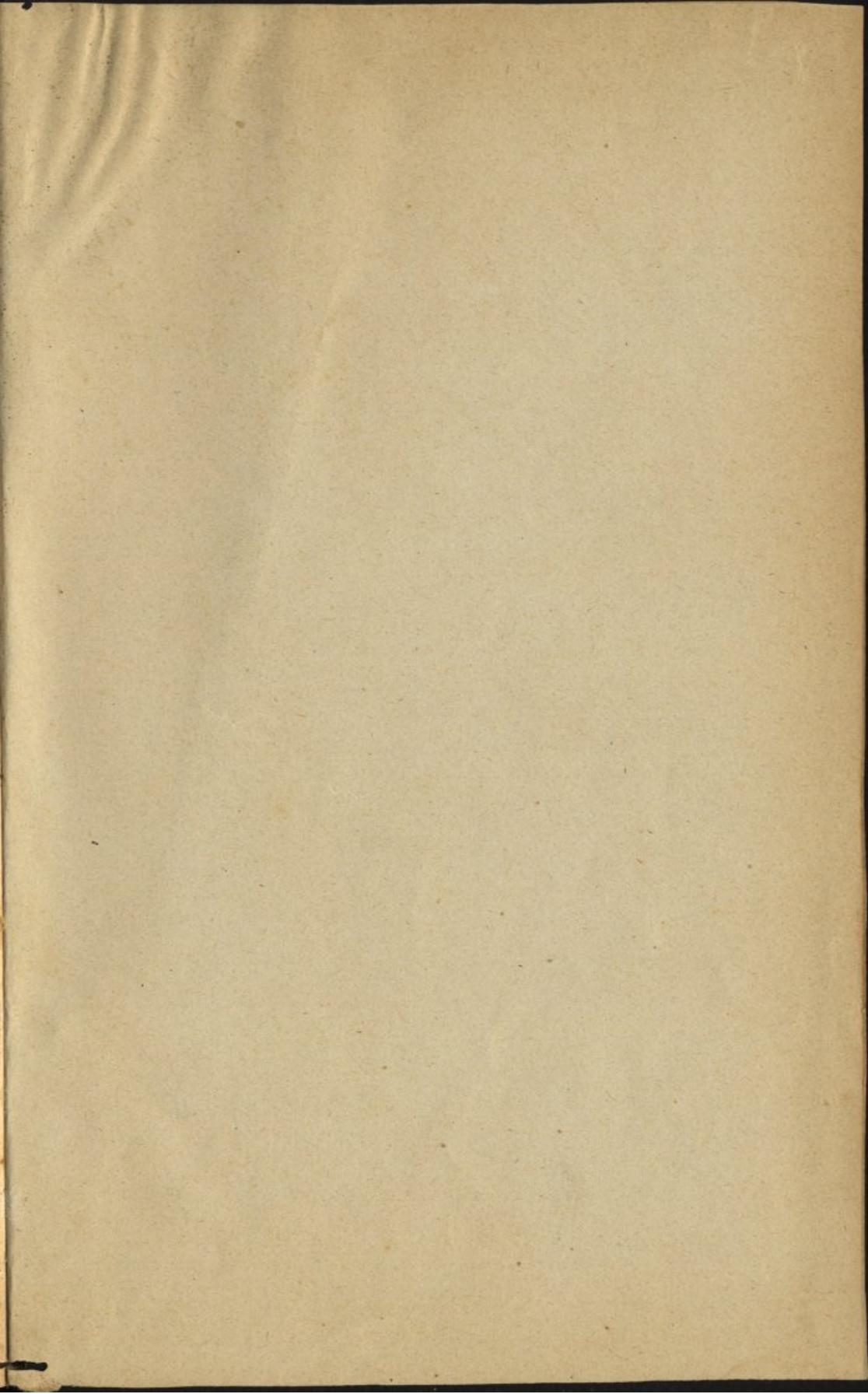
	Pag.
BIBLIOGRAPHIA.....	VII
CAPITULO I	
A sexualidade.....	1
CAPITULO II	
Determinismo do sexo.....	16
CAPITULO III	
Anatomia e Physiologia da mulher.....	28
CAPITULO IV	
Subordinação natural da mulher. Consequências da sexualidade.....	50
CAPITULO V	
A condição social da mulher no passado.....	68
CAPITULO VI	
A sensibilidade feminina.....	79
CAPITULO VII	
As diversas formas de egoísmo na mulher.....	84

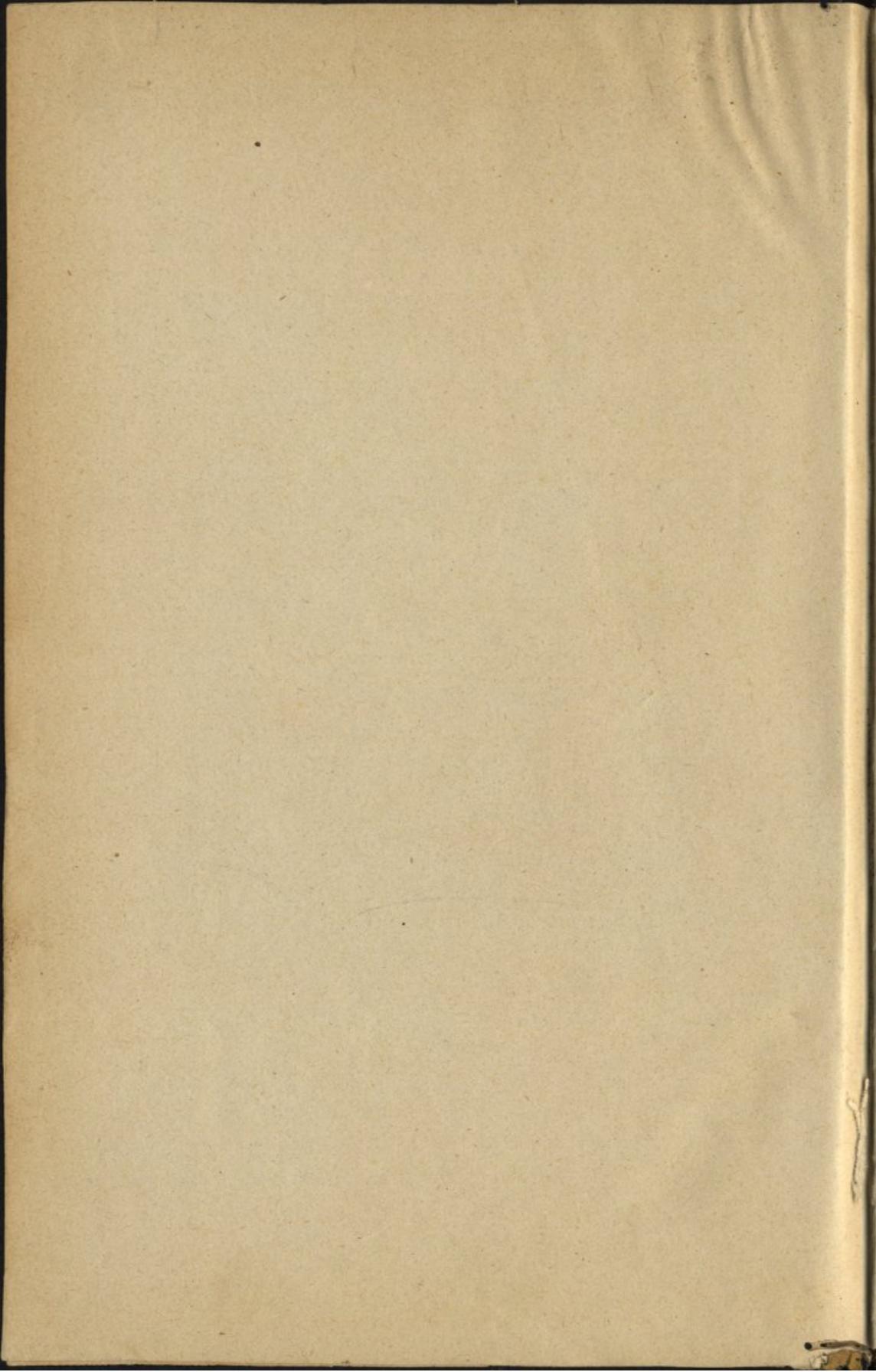
	Pag.
CAPITULO VIII	
O instinto sexual e o amôr. Sympathia e sociabilidade femininas.....	94
CAPITULO IX	
Os sentimentos superiores na mulher .....	118
CAPITULO X	
A intelligência da mulher.....	124
CAPITULO XI	
Caracteres sexuaes da vontade.....	134
CAPITULO XII	
Conclusões.....	141

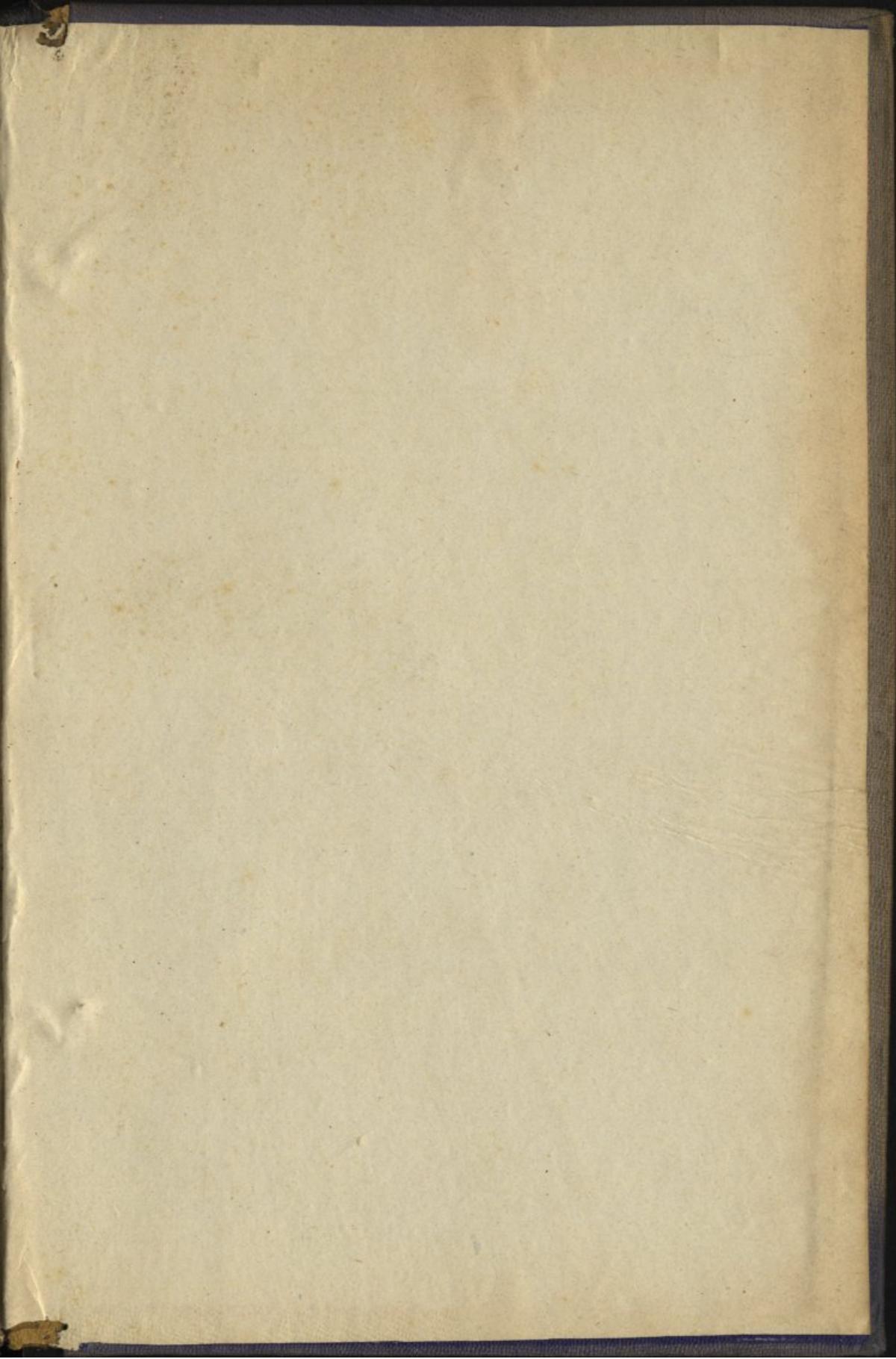
---

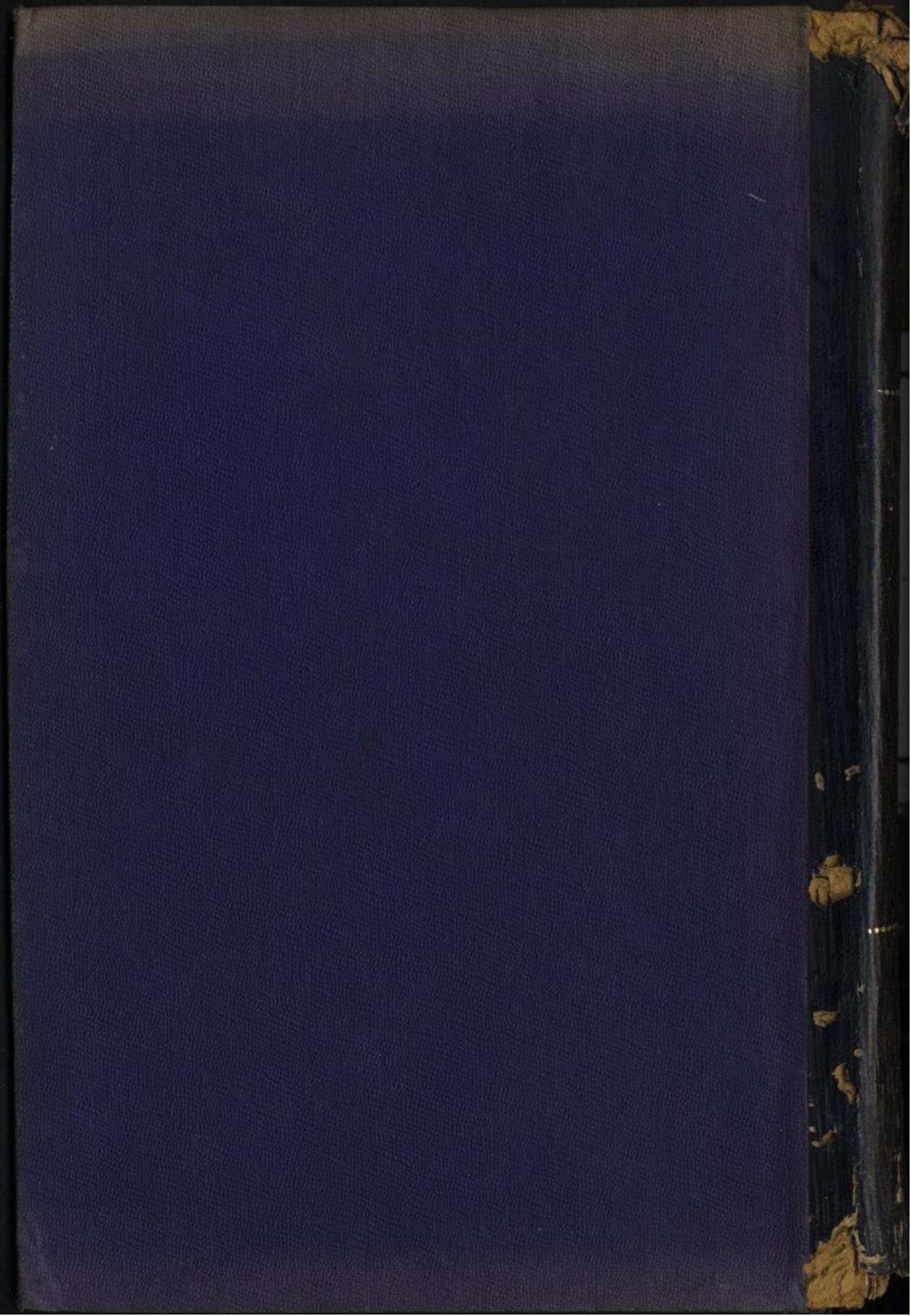












1904

ARGENTINE

CONCURSO

PHILOSOPHIA

1904